

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LAURA CALDEIRA PIEROBOM

**O PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO DO BRASIL NAS
ÚLTIMAS DÉCADAS**

CURITIBA

2016

LAURA CALDEIRA PIEROBOM

**O PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO DO BRASIL NAS
ÚLTIMAS DÉCADAS**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profa. Dra. Carolina Bagattoli

CURITIBA

2016
TERMO DE APROVAÇÃO

LAURA CALDEIRA PIEROBOM

**O PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO DO BRASIL NAS
ÚLTIMAS DÉCADAS**

Monografia apresentada requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Profa. Dra. Carolina Bagattolli
Departamento Ciências Econômicas, UFPR

Prof. Dr. Walter Tadahiro Shima
Departamento Ciência Econômicas, UFPR

Prof. Dr. Wellington da Silva Pereira
Departamento de Ciências Economicas, UFPR

Curitiba, 05 de Dezembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por incentivar minhas escolhas e enobrecer minha vida e ao meu pai, que de algum lugar, sempre me manda forças para meus novos sonhos.

Aos meus irmãos pelos momentos de alegria.

Ao Felipe, por me dar liberdade para eu me dedicar a esse trabalho e a todos meus projetos.

À Clara, minha filha, por ser o motivo de todos os dias da minha vida.

À professora Carolina pela confiança em meu trabalho, pela dedicação e orientação durante toda esta caminhada. Assim como a todos os professores que me acompanharam durante essa trajetória.

E um agradecimento especial à Thassia, representando todas as amigadas que fiz durante esse curso, que não foram poucas e que levo para toda minha vida. Obrigada pelos dias de alegria, de estudo e de incentivos para não desistir.

“Dress shabbily and they remember the dress; dress impeccably and they remember the woman.”

Coco Chanel

RESUMO

Historicamente, o setor têxtil e confecção possui grande importância quanto à participação no Produto Interno Bruto (PIB) e geração de emprego no Brasil. Entretanto, nas últimas décadas, a indústria vem passando por grandes mudanças, desde a abertura comercial nos anos 1990, adesão à acordos internacionais e a forte concorrência interna com os produtos asiáticos.

A produção na indústria têxtil é um processo seqüencial, em que as diversas etapas se articulam de forma mecânica, portanto os resultados estão intimamente ligados com o relacionamento intrasetorial que a cadeia possui no país, assim como a sua evolução ao longo dos anos. Diante disso, o objetivo desta monografia é apresentar um panorama do setor têxtil e confecção, através de pesquisa bibliográfica e documental. Dentre os principais resultados da pesquisa, destacam-se os determinantes da competitividade que justificam o comportamento da balança comercial.

Palavras-chave: Indústria têxtil e de confecção, competitividade, balança comercial, mão de obra.

ABSTRACT

Historically, the textile and clothing sectors have been of the uttermost importance to employment and, as a consequence, to Gross Domestic Product (GDP). Nonetheless, starting a few decades ago, the industry has, and continues to, see changes in its structure such as: the economic liberalisation of the 1990s, adherence to international treaties and unwavering competitiveness of Asian products. Textile production is organised sequentially, where various stages are articulated mechanically, and so, results are intrinsically connected to how well connected inter-sectors are in each particular chain. Bearing these in mind, my aim in the study is to initiate the reader into the textile sector, through thorough scientific research. Among particularly relevant findings are: the determinants of competitiveness that justify balance of trade behaviour.

Key-words: Textile and clothing industry, competitiveness, balance of trade, labour.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tipos de Tecidos	27
Figura 2: Estrutura da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções	28
Figura 3: Ranking do Brasil na Produção Mundial	57
Gráfico 1: Balança Comercial Brasileira: Setor Têxtil e de Confecção em US\$ Milhões – Sem Fibras de Algodão	45
Gráfico 2: Comparativo do Saldo da Balança Comercial 2015/ 2016	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação das regiões no número de estabelecimentos da Indústria Têxtil do Brasil em função do porte (segundo classificação da ABIT) – 2012	32
Tabela 2: Unidades Fabris e Número de Empregados por Região	37
Tabela 3: Comparativo de Exportações de Produtos Têxteis em US\$ milhões - Sem fibras de algodão	47
Tabela 4: Comparativo de Importações de Produtos Têxteis em US\$ milhões - Sem fibras de algodão	47
Tabela 5: Evolução Recente do Cenário do Setor Têxtil e de Confecção	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEA – Associação Nacional dos Exportadores de Algodão

ATV – Acordo Têxtil e Vestuário

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento

ICAC – Comitê Consultivo Internacional do Algodão

IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial

NRB – Norma Brasileira

PIB – Produto Interno Bruto

OMC – Organização Mundial do Comércio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	OBJETIVOS.....	24
1.1.1	Objetivo Geral	24
1.1.2	Objetivos Específicos	24
1.2	METODOLOGIA.....	25
1.3	APRESENTAÇÃO.....	25
2	A CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL E VESTUÁRIO	26
3	TRAJETÓRIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL.....	29
3.1	PRODUÇÃO: DA MATÉRIA PRIMA À CONFECÇÃO	29
3.2	EVOLUÇÃO RECENTE DO SETOR TÊXTIL	33
3.3	EMPREGO	36
4	COMÉRCIO INTERNACIONAIS NO SETOR TÊXTIL	40
4.1	IMPACTO DAS INDÚSTRIAS ASIÁTICAS	40
4.2	IMIGRAÇÃO LABORAL.....	41
4.3	BALANÇA COMERCIAL.....	43
5	PANORAMA DO SETOR	48
5.1	DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE NACIONAL.....	48
5.2	CENÁRIO DO SETOR TÊXTIL	55
5.2.1	Importância do Setor na economia Brasileira.....	55
5.2.2	Importância do Setor no Mundo	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS.....	61
	ANEXO A – Importações	67
	ANEXO B – Exportações.....	68

1 INTRODUÇÃO

O setor têxtil e de confecção é uma atividade com cerca de 200 anos no País. Impulsionou muitas outras indústrias e foi um grande propulsor da consolidação industrial no Brasil. Hoje, emprega 1,6 milhão de pessoas de forma direta no país. A indústria da moda é o segundo maior empregador na indústria de transformação e também segundo maior gerador do primeiro emprego – eis a gigantesca importância econômica e social deste bicentenário setor com capilaridade em todo o território nacional. A Indústria Têxtil se relaciona e impacta com diversas cadeias produtivas como a cotonicultura, máquinas, petroquímica e de confecções. Contemplando quatro segmentos de atuação – fiação, tecelagem, malharia e acabamento – trata-se de um dos setores de atividade econômica mais relevantes do país.

O setor gera um faturamento de R\$ 126 bilhões, equivalente a 5,6% do valor total da produção da indústria brasileira de transformação. Com um mercado interno voltado atualmente para produtos importados, o setor vem enfrentando desafios internos e de competência internacional para poder deslanchar. Apesar dos esforços que a indústria têxtil faz para se manter, em 2015 o saldo da balança comercial foi de US\$4,7 bilhões negativos. Vale ressaltar que as exportações permanecem sem crescimento desde 2006, já as exportações acompanham um crescimento anula significativo.

Segundo Faria (2005), o Brasil se destaca como o quinto maior produtor têxtil do mundo, devido, dentre outros fatores, à sua auto-suficiência na produção de algodão. Em relação ao setor de vestuário/confecções, chega a produzir 7,2 bilhões de peças de vestuário / ano, sendo:

- 2º maior produtor mundial de índigo;
- 3º maior consumidor de denim;
- 4º maior produtor de malha;
- 4º maior parque produtivo confecção;
- 5º maior produtor têxtil;
- 7º maior produtor mundial de fios e filamentos e;

- 8º produtor mundial de tecidos.

É neste sentido que se insere este trabalho, que analisa a trajetória da Indústria Têxtil brasileira nas últimas décadas.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Essa monografia tem por objetivo mostrar a trajetória da indústria têxtil e de confecção brasileira, partindo de uma visão socioeconômica e de sua contextualização atual. Objetiva ainda analisar as principais características do setor, suas relações internacionais, privilegiando aspectos como mão de obra e comércio no exterior, e enfatizar os determinantes da competitividade frente a obstáculos internos e internacionais e seus resultados.

1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do trabalho são:

- a) Levantar as características da cadeia produtiva têxtil e confecção e como ela se relaciona;
- b) Analisar a importância do setor para a economia brasileira;
- c) Mostrar a evolução da balança comercial;
- d) Apresentar a evolução do setor têxtil ao longo das últimas décadas;
- e) Identificar as mudanças relativas à mão de obra;
- f) Identificar os principais gargalos da indústria têxtil brasileira.

1.2 METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica e documental, que tomou como base sites especializados, revistas eletrônicas, boletins informativos, trabalhos de conclusão de curso e artigos relacionados com a indústria têxtil e de confecção, bem como da análise de dados estatísticos.

1.3 APRESENTAÇÃO

Além desta introdução essa monografia conta com outros cinco capítulos. O trabalho em si começa no capítulo 2, apresentando a cadeia produtiva têxtil e suas composições.

No capítulo 3 é abordada a trajetória histórica nacional a partir da década de 1990, evidenciando as peculiaridades do setor e suas dificuldades. Neste capítulo é analisado como os setores e subsetores da indústria têxtil se relacionam e são dependentes e quais são os destaques de produção no Brasil; demonstrando alguns dados da empregabilidade do setor.

Na sequência, no quarto capítulo, é feita uma análise das relações internacionais do setor com a Ásia e América Latina. É abordado o surgimento da China como grande produtora, as migrações de mão de obra de países da América Latina para fábricas brasileiras, assim como um panorama da balança comercial brasileira.

No quinto capítulo é realizado um panorama da indústria, mostrando os determinantes da competitividade, procurando traçar um painel do perfil do setor e a importância na economia brasileira e mundial. Por fim, o sexto e último capítulo apresenta as principais conclusões da monografia.

2 A CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL E CONFECÇÃO

Segundo Rangel et al. (2008), a indústria têxtil é uma indústria de baixa intensidade tecnológica, sem grandes barreiras de entrada, com tecnologia disponível no mercado e sem diferenciação tecnológica significativa entre as empresas líderes. Para ele a competitividade da indústria está nos dois insumos da cadeia produtiva: mão de obra e matéria prima.

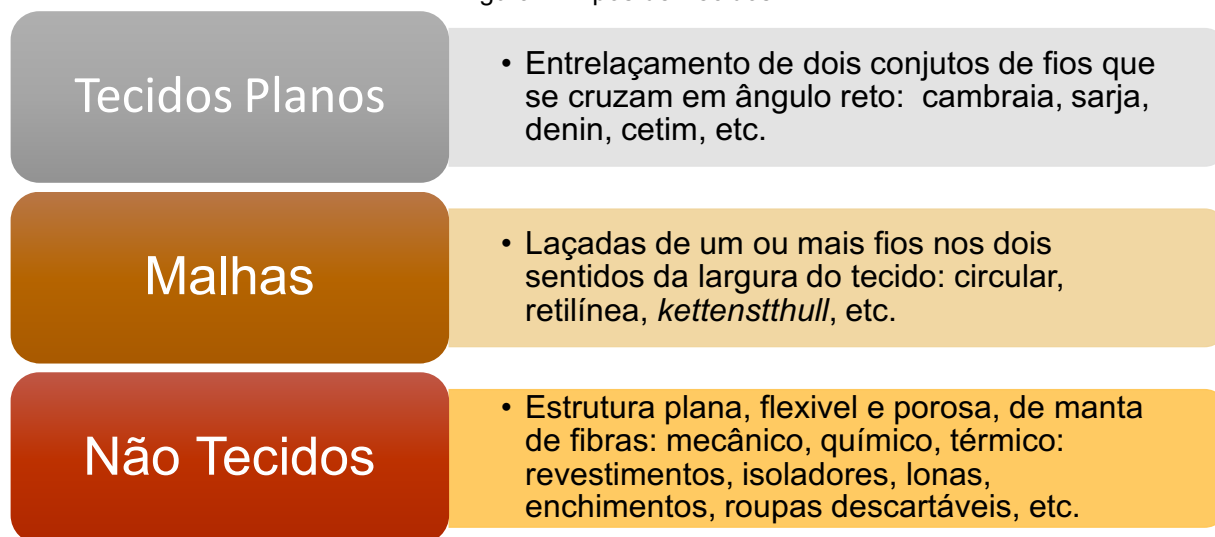
A cadeia produtiva do setor têxtil e confecção, também chamada de cadeia produtiva da moda, é composta por diversas etapas produtivas, inter-relacionadas e de continuidade. Isso significa que cada uma depende e contribui para o desenvolvimento das demais (HIRATUKA & VIANA, 2008).

A produção de matéria prima é a primeira fase da cadeia. É a produção de fibras e filamentos têxteis que serão preparados para a etapa da fiação. Compreende o processo químico-físico de extrusão: fibras químicas e fibras naturais. As fibras químicas artificiais são basicamente produzidas a partir da celulose, enquanto as fibras químicas sintéticas são obtidas de derivados do petróleo. (FREIRE et al., 1997). Já as fibras naturais dependem da produção agrícola (fibras naturais vegetais), englobam o beneficiamento de fibras de algodão (cardação, penteação) e a obtenção de subprodutos da pecuária (fibras naturais animais) como a extração de lã, seda (RECH, 2008). As fibras naturais possuem relações intensas com a agricultura e a silvicultura, através das quais obtém fibras, como algodão, linho, seda, sisal, juta e rami para o beneficiamento. Da pecuária são provenientes a lã e a crina (OLIVEIRA, 2006).

A fiação é a transformação das fibras têxteis, inicialmente desordenadas, em um conjunto de grande comprimento, cuja ramificação possui muitas fibras organizadas e presas a si mediante uma torção (LEMOS et al., 2009). A etapa seguinte, a tecelagem, é a criação do tecido através de processos técnicos diferentes: tecelagem de tecido planos, a malharia e a tecnologia de não-tecidos (RECH, 2008). De acordo com Piancó (2016), tecidos planos são aqueles resultantes do entrelaçamento de dois fios que se cruzam em ângulo reto, formando tecidos sem elasticidade como, por exemplo; cambraia, sarja, denim, cetim, entre outros. Já os tecidos de malha são formados por laçadas de um ou mais fios nos dois sentidos da largura do tecido, o que proporciona o efeito de esticamento. As malhas mais conhecidas são a malha circular, muito utilizada na confecção de camisetas, moletom, blusas; a malha retilínea, para

confeção de punhos e golas, e a malha de *kettenstthull* para moda praia e *lingerie*. O não tecido, conforme a norma brasileira (NRB) – 13370, é uma estrutura plana, flexível e porosa, constituída de véu ou manta de fibras, ou filamentos, orientados direcionalmente ou ao acaso, consolidados por processos: mecânico (fricção), químico (adesão), térmico (coesão) ou combinação destes. Os não tecidos são muito utilizados nas indústrias automotiva (revestimentos, isoladores, enchimentos, etc), agribussines (lonas de cobertura), confecção (entretelas, enchimentos, forros), setor hospitalar (roupas descartáveis, campos, curativos) e produtos para lar (tapetes, estofados, persianas) (ABINT, 2016). A síntese destas categorias pode ser vista na figura 1.

Figura 1: Tipos de Tecidos



Fonte: Elaborado pelo autor.

O beneficiamento e acabamento irão definir a estrutura específica do tecido, características visuais e de toque do material têxtil, além de incluir os processos de preparação que podem ser alveijamento, purga e desengomagem, tingimento ou a estampagem, acabamento, além de processos especiais (RECH, 2008).

Já a confecção é a fase de elaboração de peças confeccionadas e abrange a criação, modelagem, o enfesto, o corte, a costura, a serigrafia e o beneficiamento do produto. Depois o produto vai para o mercado para ser comercializado no atacado, no varejo e indústrias e instituições (idem).

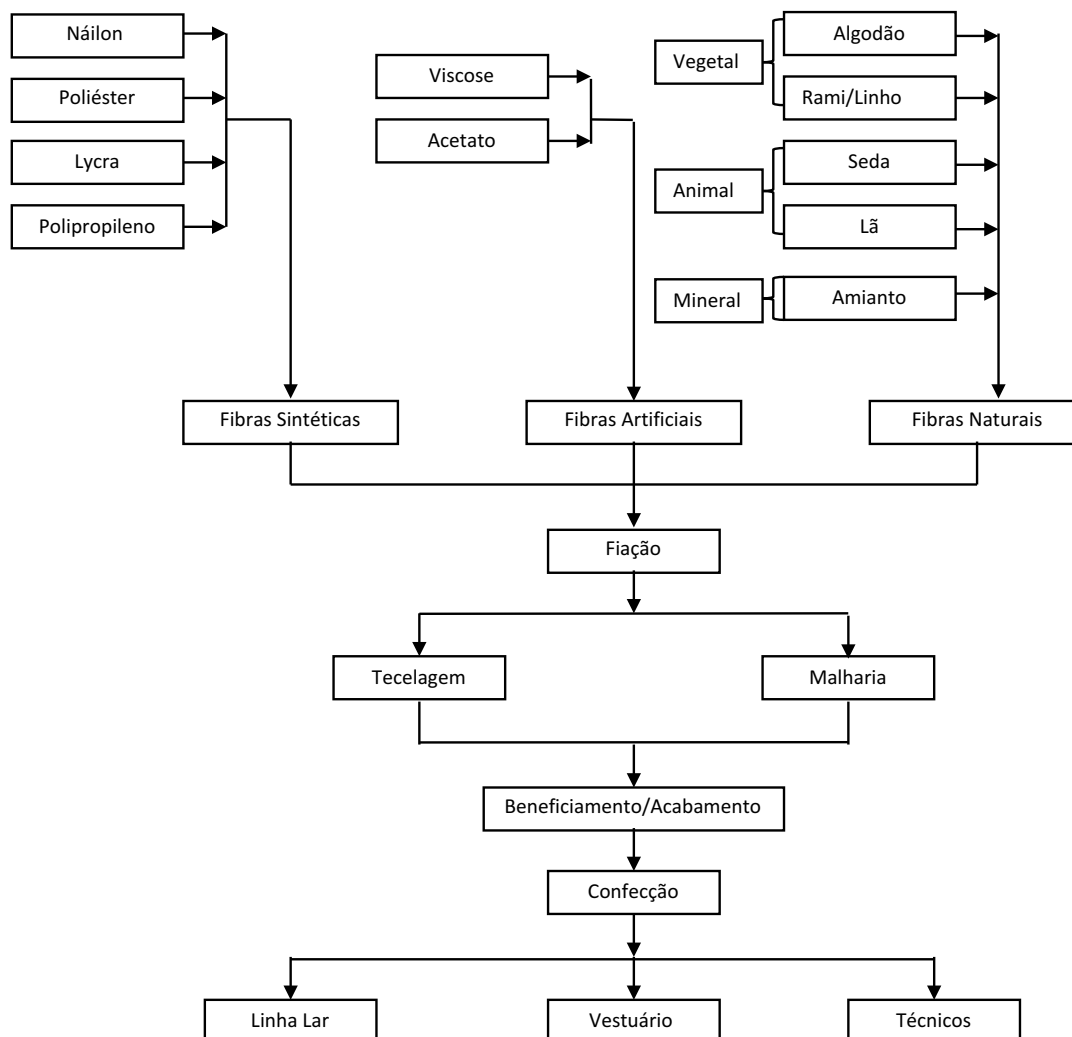
Há ainda a interface com a indústria química em toda a cadeia, principalmente em função da necessidade de insumos químicos para diversos tipos de tratamento

desde as fibras até os bens acabados, e a indústria de bens de capital, tendo em vista as máquinas e equipamentos utilizados em todo o processo (COSTA & ROCHA, 2009).

Via de regra, quanto mais integradas as etapas da cadeia têxtil, maior a qualidade do produto. A qualidade das fibras determina a qualidade dos fios que, por sua vez, interfere diretamente na qualidade dos tecidos, e estes determinam, em boa parte a qualidade dos artigos da confecção. (GUTIERREZ, 2006).

A Figura 2 apresenta o fluxograma das principais atividades da estrutura produtiva da cadeia têxtil e de confecções.

Figura 2: Estrutura da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções



3 TRAJETÓRIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL

A Indústria Têxtil é de grande importância na economia brasileira, por ser um forte gerador de empregos, apresentar grande volume de produção e exportações crescentes (PAIVA, 2009).

Atualmente é o segundo setor industrial de maior peso na composição do Produto Interno Bruto (PIB) da indústria de transformação, atrás apenas do setor de alimentos e bebidas. Apresenta uma série de problemas, principalmente na ponta da confecção (como informalidade, desrespeito às leis trabalhistas, sonegação e outros), mas que, em seu conjunto, mostra uma incrível dinâmica e potencialidade de crescimento. O Brasil é considerado um dos poucos países do mundo que reúne um conjunto de fatores capazes de, muito rapidamente, colocar a cadeia têxtil em outro patamar (BICALHO, 2014).

O setor têxtil brasileiro é destaque no cenário mundial, considerado o quarto maior produtor de vestuário do mundo, atrás apenas da China, Índia e Paquistão. E o quinto maior produtor têxtil mundial, que confere a primazia a China, seguida da Índia, Estados Unidos e Paquistão, de acordo com os dados do IEMI - Inteligência de Mercado (2015).

3.1 PRODUÇÃO: DA MATÉRIA PRIMA À CONFECÇÃO

O processo de produção na indústria têxtil é um processo seqüencial, em que as diversas etapas se articulam de forma mecânica (PAIVA, 2009). No Brasil a produção possui baixo grau de integração e coordenação entre os elos da cadeia e baixo grau de verticalização, o que resulta em um gargalo na produção da matéria-prima para o segmento têxtil, eleva a dependência por importações e, conseqüentemente, o déficit comercial do segmento, reduzindo a competitividade de produtos têxteis brasileiros no exterior (COSTA & ROCHA, 2009).

Com relação à cadeia produtiva de fibras, a primeira etapa do processo, o Brasil conta hoje com uma produção de algodão de alta qualidade e produtividade, mecanizada no campo e bem estruturada no beneficiamento, sendo auto-suficiente em algodão. Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão - ICAC, a

produção mundial de algodão, na safra 2014/15, foi de 26,2 milhões de toneladas, o consumo de 24,4 milhões. O Brasil produziu 1,5 milhões de toneladas de algodão na Safra 2014/2015 e consumiu de 820 mil toneladas (CONAB, 2015).

De acordo com o relatório Setorial da ABTI publicado em 2009 o subsetor de fiação e tecelagem no Brasil compra insumos essencialmente do setor de fibras naturais e posteriormente do setor de petroquímica. Essa preferência reflete as vantagens competitivas que o Brasil possui em fibras naturais, principalmente em tecidos de algodão e mesclas com outras fibras naturais. No subsetor de artefatos têxteis – que inclui a linha cama, mesa e lar, a maior parte das compras é oriunda do setor químico, devido a natureza da execução dessa etapa da cadeia produtiva que envolve processos como alvejamento, texturização, estamparia e tingimento. Os fluxos intersetoriais entre o setor químico e os demais subsetores são relevantes tanto por sua magnitude quanto pela absorção de inovações de processos provenientes do primeiro. No caso das malharias, os fluxos são oriundos da tecelagem, de artefatos têxteis, de fibras naturais e do setor petroquímico, nessa ordem (LEMOS et al., 2009).

Em termos comerciais, o Brasil tem superávit nas transações com fibras naturais (graças à competitividade do algodão nacional), porém, apresenta um elevado déficit nas transações envolvendo fibras químicas, especialmente as feitas de poliéster (COSTA & ROCHA, 2009). Segundo dados do IEMI (2007), a participação dos fios artificiais e sintéticos importados no consumo aparente nacional cresceu de 4,3%, em 2000, para 34,2%, em 2006. Em 2015 o consumo brasileiro se manteve com poucas oscilações, em fibras artificiais totais foi de 19,8 mil toneladas, em fibras sintéticas totalizou 511 mil toneladas, valores bem semelhantes a 2006 (ABRAFAS 2016).

A fiação, segunda etapa da cadeia, transforma as fibras em fios, que servirão para a produção de tecido. No Brasil, a maior parte da produção de fios é destinada para o mercado interno para o segmento de tecelagem e malharia (COSTA & ROCHA, 2009). Segundo Bezerra (2014), o subsetor de beneficiamento, fiação e tecelagem de fibras naturais foram os principais fatores responsáveis pela queda da produção industrial do setor têxtil no Brasil, correspondendo a uma redução de 26,8%, só a produção de fios diminuiu em 10,3%.

A tecelagem é onde podem ser fabricados tecidos planos ou malhas, assim como tingimento, estamparia e lavagem (COSTA & ROCHA, 2009). Em 2004 o Brasil alcançou 1,3 milhões de toneladas em produção de tecidos já em 2016 o resultado foi

de 2,08 milhões de toneladas em produção têxtil. O Brasil é o segundo maior produtor mundial de índigo (tingimento que origina o *denim* – tecido utilizado para a fabricação do *Jeans*), devido aos baixos custos relativos e alta qualidade, cerca de 20% da produção nacional é exportada, além de ter um elevado consumo interno para esse produto. (PAIVA, 2009).

A Indústria de tecelagem nacional também se especializou no design e no acabamento para a confecção de *jeanswear* – segmento esse responsável por grande parte das exportações, fornecendo tanto para marcas de renome, que atendem um público de maior poder aquisitivo, quanto para grandes lojas de departamento com marca própria ou *private label*. Como consequência, diversas grifes mundiais famosas de *jeanswear* têm influência brasileira nos produtos, entre o denim ou mesmo o design e a confecção realizada aqui (SILVA, 2009). Já o segmento de tecidos leves é menos verticalizado e atua tanto em design e diferenciação quanto no mercado de massa (PAIVA, 2009).

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de malhas. A maioria das unidades produtivas de malhas é integrada com a confecção. O país possui elevada competitividade, seja no mercado de *commodities*, seja em produtos de malharia especializada. Considerando-se os três segmentos, o saldo da balança comercial foi superavitário em 2003 em US\$ 203 milhões (COSTA & ROCHA, 2009), mas com mudanças expressivas na década seguinte. Em 2014 esse número já foi bem diferente, com um déficit de US\$ 4,7 bilhões, devido, principalmente, ao fim do Acordo têxtil e confecção, que será discutido no capítulo 3.2 (IEMI, 2015).

A confecção, etapa final da cadeia produtiva têxtil, onde muitas vezes é feita a conexão com o consumidor, que é a meta final de todo o processo. De acordo com o Instituto de Estudos e Marketing Industrial - IEMI, 83% das empresas de confecção no Brasil estão no segmento de vestuário. Este segmento é caracterizado pelo predomínio de micro e pequenas empresas, ausência de barreiras à entrada e uso intensivo de mão-de-obra.

A indústria de vestuário possui grande quantidade de empresas. A maioria é de pequeno porte, em média 86 empregados por firma, e pouco intensiva em capital. A maior parte dos gastos com atividades inovativas, na Indústria Têxtil, não vão para atividades de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), mas para as demais atividades inovativas, em especial a aquisição de máquinas e equipamentos. Vale destacar o setor apresenta exceções, englobando algumas empresas que se dedicam à

concepção e criação de novos produtos (LEMOS et al., 2009).

O segmento de vestuário depara-se com problemas como a elevada informalidade e a baixa qualificação técnica e gerencial, o que impacta negativamente na competitividade de seus produtos, apesar da capacidade potencial de geração de valor agregado. Já o segmento de têxteis para lar caracteriza-se por ser mais intensivo em capital e com maior grau de verticalização. Mesmo observando-se a existência de muitas pequenas e médias empresas, apresenta elevada competitividade internacional (FUJITA & JORENE, 2015).

A tabela 1 apresenta a distribuição regional dos estabelecimentos da indústria têxtil brasileira por porte dos estabelecimentos, conforme a classificação da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), que adota a seguinte classificação:

- Micro – até 10 empregados;
- Pequena – de 11 a 30 empregados
- Média – de 31 a 200 empregados
- Grande – acima de 200 empregados

Tabela 1: Participação das regiões no número de estabelecimentos da Indústria Têxtil do Brasil em função do porte (segundo classificação da ABIT) – 2012

Brasil/ Regiões	Micro empresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total¹
BRASIL	6.756	1.844	1.268	304	10.172
NORTE	1,10%	0,90%	0,50%	1,00%	1,00%
NORDESTE	14,80%	13,90%	10,60%	19,70%	14,30%
SUDESTE	45,80%	54,00%	57,30%	48,40%	48,80%
SUL	31,70%	27,50%	28,10%	28,60%	30,40%
CENTRO OESTE	6,60%	3,70%	3,50%	2,30%	5,50%

¹ Exceto confecção

Fonte: Bezerra (2014, p 8)

A tabela 1 evidencia que a Indústria Têxtil possui proporcionalmente um número elevado de micro e pequenas empresas, aproximadamente 8.600 unidades têxteis, o que representa 84,5% do total de estabelecimentos (BEZERRA, 2014).

A tendência dos investimentos no setor nas últimas duas décadas foi de aquisição de máquinas e equipamentos. Entre 2000 e 2007, o investimento anual nestes foi em média US\$ 500 milhões/ano, atingindo seu pico em 2007. O montante

total investido no período foi de US\$ 4,7 bilhões. A predominância de investimentos é de máquinas importadas, uma vez que praticamente não há mais produção nacional de máquinas para o setor. No período de 2003 a 2007, os maiores investimentos em máquinas importadas foram para filatórios, teares e máquinas de costura, somando cerca de US\$ 1,8 bilhão. Desse total, 22% foram para máquinas no segmento de fiação, 22% para tecelagem e 24% para confecção. Nos demais segmentos, os gastos giraram em torno de 10% cada (COSTA & ROCHA, 2009). Entre 2009 e 2013 as importações de máquinas cresceram 23,4% no Brasil (IEMI, 2014).

3.2 EVOLUÇÃO RECENTE DO SETOR TÊXTIL

Em 1990, a economia brasileira passou por um processo de abertura comercial que apresentou efeitos positivos, assim como novos desafios para toda a indústria do país. Em decorrência da abertura do Mercado e do aumento da concorrência internacional, a necessidade de modernização dos maquinários tornou-se prioritária para a indústria têxtil (LEMOS et al., 2009).

Para Mehler (2013), a intensificação da globalização acelerou os processos de integração de mercados e gerou o deslocamento de grande parte das unidades fabris para novas regiões do país, assim como para outros países, com o intuito de reduzir preço através do baixo custo de mão de obra e de investimento.

Outro grande impacto decorrente da abertura comercial foi quanto às tarifas alfandegárias. As tarifas de importação de tecidos passaram de 70% para 40% e, logo depois, para 18%, no regime de desagravação tarifária, conforme mostra pesquisa da ABIT (2016). A combinação de abertura comercial, e o consequente aumento da concorrência externa, recessão econômica no início dos anos 1990 e estabilidade monetária, a partir de 1994 induziram a transformações importantes na cadeia têxtil nacional (FILHA & CORRÊA, 2015).

O impacto inicial na indústria têxtil foi de crise. O setor ainda se mostrava tecnologicamente atrasado no final da década de 1990 e, enquanto as importações de fios e tecidos sintéticos e artificiais subiam, as exportações ainda apresentavam estabilidade. Isso gerou conflitos entre diversos elos da cadeia. As pequenas e médias empresas pouco modernizadas possuíam poucas chances de sobreviver —a tendência era a predominância de grandes empresas que possuíam meios para investir em

modernização tecnológica (KELLER, 2006). Poucas medidas de política pública foram implementadas nos campos setorial e tecnológico com vistas à promoção de um ajustamento mais suave e aumento da competitividade sustentável nos mercados interno e externo (RANGEL et al., 2010 *apud* SILVA, 2003).

A partir de então foram necessários esforços de incremento da produtividade via elevação da relação capital/trabalho e da eficiência produtiva, com o objetivo de enfrentar a concorrência asiática. Investimentos em modernização foram elevados especialmente a partir do Plano Real. As medidas de integração das políticas macroeconômicas, industriais e de comércio exterior do início desta década visavam ao combate à inflação e resultaram na redução do grau de protecionismo à produção nacional e na eliminação de barreiras administrativas à importação de bens e serviços (KON & COAN, 2009).

A ampliação do consumo da população de renda mais baixa, em decorrência da estabilidade da moeda, somada à forte concorrência de tecidos artificiais e sintéticos importados da Ásia, levou à substituição da produção de tecidos planos por malhas de algodão, cujos investimentos são mais baixos e preços mais baratos (FUJITA & JORENE, 2015).

No início da década de 90, o algodão, a matéria-prima mais importante do setor têxtil brasileiro, sofreu com a praga do bicudo, somado à abertura comercial levou o país passar de forte exportador à grande importador no segmento. A produção só voltou a crescer a partir de 1998 e, em 2000, ultrapassou a produção de 1990 (PROCHNICK, 2003).

Em março de 2005, a OMC (Organização Mundial de Comércio) pôs fim ao Acordo de Têxteis e Vestuário (ATV), relativo ao período de 1994 a 2004, que tinha o propósito de disciplinar a incorporação de produtos têxteis nas regras de comércio de bens nas normas da OMC. Com isso acabou então o sistema de cotas imposto aos países em desenvolvimento pelo Acordo Multibras (1974-1994) e passou a vigorar a liberalização no comércio mundial do setor têxtil. As cotas tinham o papel de frear o impulso exportador dos países em desenvolvimento e proteger as empresas dos países desenvolvidos (AMARAL, 2006). O ATV possuía duas características, a primeira era a eliminação das restrições para produtos cobertos por acordos bilaterais negociados no Acordo Multifibras em quatro estágios até a completa eliminação das cotas. A segunda, era o aumento das cotas para produtos que permaneceriam sob restrições, a uma taxa fixa. O Acordo visava também integrar o comércio de artigos

têxteis e confeccionados às regras da OMC (MENDES, 2007).

Com o fim do ATV acabaram os subsídios dos EUA ao algodão, o que favoreceu a posição de países em desenvolvimento nas negociações sobre acesso ao Mercado. Essa medida favoreceu o aumento das exportações asiática, principalmente chinesas (idem).

Em 2008 o desempenho da indústria têxtil brasileira acompanhou os impactos da crise financeira mundial, com queda de 8% na produção têxtil e de vestuários, perdas de mais de 30 mil postos de emprego formal. Em 2009 o setor volta a se recuperar, observando-se a criação de mais de 32 mil postos de trabalho no Brasil e recuperação da produção com taxas de crescimento na segunda metade do ano corrente em torno de 2,6%. O comportamento do comércio exterior não foi diferente, apresentando, com base no reaquecimento da demanda interna e na apreciação cambial, uma elevação sustentada das importações em junho de 2009, e um significativo aumento das exportações entre o segundo e o terceiro trimestres do mesmo ano – sinalizando também uma recuperação da demanda internacional. Mesmo com o aumento das exportações, o saldo do comércio exterior brasileiro do setor têxtil e de confecção permaneceu em déficit devido ao aumento ainda maior das importações no período. Esse movimento evidencia a ameaça dos produtos chineses. O aumento da concorrência dos produtos têxteis e de confecção asiáticos foi apontado como a principal preocupação dos representantes do setor em relação à crise econômica mundial, a China têm buscado ajustar-se à retração da demanda dos países desenvolvidos explorando os mercados de países emergentes, como o Brasil (RAUEN & HIRATUKA, 2009).

Em 2012 o Brasil já apresentava a quinta posição entre os maiores produtores de têxteis e a quarta posição para a produção de artigos confeccionados. Porém a produção é basicamente voltada para o mercado interno. A expressão no comércio internacional é de pouca relevância, participando com apenas 1,0% das exportações, apesar de deter 2,4% da produção mundial de manufaturados têxteis (BEZERRA, 2014).

3.3 EMPREGO

A indústria têxtil no Brasil é de grande relevância econômica na geração de empregos formais. De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego de 2015 a indústria têxtil emprega em torno de 1,6 milhões de trabalhadores.

Existem cerca de 32 mil indústrias têxteis no Brasil, incluído vestuário. Das quais 80% são pequeno e médio porte, com menos de 50 empregados. (ABIT, 2016). Elas estão por toda parte, até nas menores cidades, muitas vezes num fundo de quintal. No segmento de confecção, sendo a produção repassada para costureiras que fazem o serviço em casa (VIANA et al., 2008).

Os empregos gerados pela cadeia têxtil somaram 1,7 milhão de postos de trabalho diretos em 2015, ou o equivalente a 16,9% do total de trabalhadores alocados na produção industrial nesse ano, das quais 75% são mulheres. A indústria da moda é o segundo maior empregador na indústria de transformação e também segundo maior gerador do primeiro emprego (MOSCA et al., 2015). Quanto ao emprego indireto, estima-se 10 milhões de trabalhadores alocados no setor. O que caracteriza o segmento como possuindo forte impacto social, já que é um grande gerador de empregos (ONGARATTO, 2015). Entre 2010 e 2014 houve uma redução de empregos de 6,1% no setor têxtil e de 2,4% nos confeccionados, totalizando a eliminação de 20 mil empregos. Nesse mesmo período o número de unidades fabris aumentou em 6,4%. Consequentemente há a redução do número médio de empregados por fábrica. Uma das causas desse declínio é o aumento significativo do nível de automação e de modernização do setor (BEZERRA, 2014).

Os principais aglomerados têxteis do Brasil é a Região Metropolitana de São Paulo (SP), O Vale do Itajaí (SC), Campinas (SP) e a região metropolitana de Fortaleza (CE) tanto em número de estabelecimentos quanto em número de empregos (BEZERRA, 2014). O subsetor que mais emprega é o de vestuário, que conta com mais de um milhão de funcionários.

Tabela 2: Unidades Fabris e Número de Empregados por Região

Brasil/ Regiões	Preparação e Fiação de Fibras Têxteis		Tecelagem, Exceto Malha		Fabricação de Tecidos de Malha		Acabamentos em Fios, Tecidos e Artefatos Têxteis		Fabricação de Artefatos Têxteis, Exceto Vestuário		Total Indústria Têxtil	
	Unid.	Emprego	Unid.	Emprego	Unid.	Emprego	Unid.	Emprego	Unid.	Emprego	Unid.	Empre
Brasil	847	53.069	825	55.459	740	26.249	2.402	42.060	5.358	121.741	10.172	298.6
Norte	2,4%	3,2%	0,5%	0,1%	0,7%	0,1%	0,7%	0,2%	1,0%	0,3%	1,0%	1,7
Nordeste	25,7%	26,3%	10,8%	27,7%	8,6%	14,6%	11,7%	10,3%	14,9%	12,2%	14,3%	17,5
Sudeste	40,3%	44,6%	59,5%	49,7%	38,8%	35,0%	40,9%	45,0%	53,4%	58,6%	48,8%	50,5
Sul	19,2%	22,5%	26,9%	20,2%	49,9%	49,3%	42,4%	42,8%	24,7%	24,9%	30,4%	28,3
C. Oeste	12,4%	3,4%	2,3%	2,2%	2,0%	1,0%	4,3%	1,6%	6,0%	4,0%	5,5%	3,0

Fonte: BEZERRA (2009, p. 10)

Nota: Distribuição dos estabelecimentos e empregos de acordo com os grupos da CNAE 2.0 referentes à Indústria Têxtil

O Sudeste é a principal região produtora e empregadora do setor têxtil e de confecção no país, com 48,8% do total de unidades e 50,5% dos empregos formais, com todos os segmentos presentes. Além de concentrar os maiores mercados consumidores e sediar os principais centros de distribuição de atacado e varejo (BEZERRA, 2014). As regiões que mais se destacam no Sudeste são:

- Grande São Paulo (SP): concentra o maior número de indústrias Têxteis e Confeccionados, totalizando 4.944 unidades fabris e mais de 254 mil empregos.
- Pólo de Americana (SP): compreende os municípios de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D'Oeste e Sumaré. É considerado o maior centro de tecidos planos de fibras artificiais e sintéticas da América Latina e responde por 85% da produção nacional desse segmento. Com 606 indústrias possui 45 mil empregados e faturamento total de R\$ 6,3 bilhões/ano.
- Nova Friburgo (RJ): polo de moda íntima que compreende 6 municípios. A região produz cerca de 25% da produção brasileira de moda íntima. São mais de 1,2 mil empresas com 20 mil trabalhadores que possuem, na maioria, atacados próprios, onde vendem seus produtos para sacoleiras e pequenos varejistas.
- Monte Sião (MG): concentra cerca de 2 mil empresas que produzem malha retilínea (tricô) nos 4 municípios do pólo.

Só no estado de São Paulo existem 893 Indústrias de fios, tecidos e beneficiamento (30% do total Brasil), juntamente com outros 8.298 confeccionistas (28% do total). A produção têxtil alcançou R\$ 13,6 bilhões, 29% do valor nacional e os confeccionados atingiram R\$ 23,9 bilhões (+6,2%), representando 21% do valor nacional (IEMI, 2014). Entretanto, desde 2014 o Sudeste vem perdendo parcelas de sua participação para as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul do país, uma vez que diversas indústrias transferiram suas unidades produtivas para essas regiões (BEZERRA, 2014).

O Sul possui o segundo maior parque têxtil, detendo 30,4% dos estabelecimentos e 28,3% da mão de obra formal. No relatório setorial do IEMI disponibilizado em 2015 só no estado de Santa Catarina estão localizados 15,4%, ou

seja, 4.937 unidades fabris considerando vestuário, sendo 798 produtoras ou beneficiadoras de manufaturas têxteis e 4.139 fabricantes de artigos confeccionados. O maior destaque é o Vale do Itajaí, com proeminência das cidades de Blumenau, Joinville, Brusque e Jaraguá do Sul. Segundo maior pólo têxtil da América Latina, o pólo de Itajaí é bastante competitivo no mercado internacional, exporta aproximadamente 20% da produção local da linha lar. Especializada em confecções de malha e em artigos de cama, mesa e banho, em 2015 apresentou 36,8% da produção nacional em de tecidos em malhas e 29,5% da produção e artigos beneficiados. As indústrias têxteis e confeccionistas catarinenses empregaram diretamente 163,5 mil trabalhadores registrados em 2014. Quando considerado todo o pessoal ocupado pelo setor (registrados, terceirizados, autônomos, cooperados, não registrados, etc.), o número total de postos de trabalho oferecidos pelo setor supera os 300 mil, o que evidencia a informalidade do setor (PRADO & BEZADO, 2015).

O Nordeste possui com 14,3% das unidades fabris, contando 1.453 de estabelecimentos e 17,5% do total de empregos nacional na área, ou seja, 52.359 empregos formais. O principal aglomerado têxtil está na Região Metropolitana de Fortaleza, além da região da Mata Paraibana (PB), Leste Potiguar (RN), Agreste Pernambucano e Região Metropolitana de Salvador. A região fabrica produtos bastante diversificados como roupa íntima, moda praia, infantil, feminina e masculina, além de forte atuação na fabricação de artigos de malha e índigo.

O acréscimo de produção da região Nordeste, na última década, está ligado especialmente ao segmento de Preparação e Fiação de Fibras Têxteis, em especial do algodão, detendo 25,7% do número de estabelecimentos e 26,3% dos empregos formais do país nesse subsetor. Isso pode ser observado por causa do investimento na produção em grande escala de commodities de algodão. A região começou a adquirir vantagens e importância crescentes graças à incentivos fiscais disponibilizados pelo Governo Federal, previstos da MP 2.199-14 proposta em 24 de agosto de 2001, e prorrogada até dezembro de 2018, que unificou a isenção direta de 75% do IRPJ – Imposto de renda pessoa Jurídica, desde que houvesse enquadramento em setores considerados prioritários (MACIEL, 2010). Outra razão que beneficiou a expansão do setor no Nordeste foram os custos de mão de obra, cerca de 40% mais baixos do que outras regiões industrializadas. Por causa da redução de custos muitas empresas deslocaram ou expandiram a produção para o nordeste (BEZERRA, 2014).

4 COMÉRCIO INTERNACIONAIS NO SETOR TÊXTIL

4.1 IMPACTO DAS INDÚSTRIAS ASIÁTICAS

A invasão dos produtos asiáticos no Brasil nos últimos anos é observada em todos os setores e na indústria têxtil não poderia ser diferente. A China aparece atualmente como o líder mundial em exportações de produtos têxteis e confeccionados, os quais são dotados de maquinários com custos reduzidos e capacidade de produção superior.

O continente asiático concentra os principais produtores têxteis do mundo e é responsável pela produção de quase 70% de têxteis e de mais de 65% de produtos de vestuário consumidos mundialmente, segundo dados do IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial. (GOTEX, 2016)

O Brasil importou da Ásia no último semestre (jan-jun 2016) aproximadamente US\$16,6bi. Só da China foram mais de US\$2 bi. Podem-se destacar alguns fatores importantes para o aumento crescente da importação chinesa no Brasil (ABIT, 2016). O primeiro foi o fim do Acordo de Têxteis e Vestuário da OMC em 2005, e o fim das cotas para têxteis importados dos países membros da OMC. Assim passa a vigorar a liberalização no comércio mundial do setor têxtil (MENDES, 2007).

Posteriormente foi ocorreu a crise econômica em 2008, inibe o consumo de bens importados pela Inglaterra e Estados para proteger a economia interna.

Nesse meio tempo a China aumenta a produtividade, através de trabalho intensivo e mais barato. O mercado sedento por variedade e com a ampliação da produção chinesa, além de grande capacidade de produção de matéria prima como: algodão, fibras sintéticas e artificiais. Os impactos da expansão da economia chinesa sobre a indústria têxtil brasileira começam a ser sentidos. A Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT) encaminhou um pedido de investigação de salvaguarda para 60 itens do setor de vestuário, em agosto de 2012, como o Brasil possui interesse nas exportações de *commodities* para o mercado chinês, o pedido não foi para frente, pois poderia prejudicar outras operações entre os países. (FUJITA e JORENTE, 2015).

A China é o país que mais exporta tanto produtos têxteis quanto artigos confeccionados. É considerada como uma superpotência econômica que não para de crescer, é responsável pela produção de 50% dos têxteis consumidos no mundo e

47% da produção de peças de vestuário. (IEMI, 2014)

Neste contexto o setor têxtil é um dos principais mercados competitivos da China principalmente devido às vantagens determinadas à custa da abundância e baixo custo de mão-de-obra, possui 1,3 bilhões de habitantes – um quinto da humanidade – e uma população economicamente ativa de mais de 750 milhões de trabalhadores. Outro fator que contribui para que o setor têxtil chinês tenha vantagem competitiva é a prática de juros baixos que incentiva o investimento da indústria em bens duráveis e inovações tecnológicas (SIENA et al., 2009 apud LAHÓZ e CAETANO, 2005).

4.2 IMIGRAÇÃO LABORAL

As condições, muitas vezes precárias, vividas no país de origem são destacadas no processo de imigração de bolivianos para o Brasil. Segundo Merçon (2015) no ano 2000 vieram 8919 imigrantes para São Paulo, no ano de 2010 contabilizou 19707 pessoas ingressantes no país – sendo, deste total, 3954 nascidos no Brasil que moraram na Bolívia por 5 ou mais anos e que são considerados pelo IBGE imigrantes. O estado de São Paulo fora o destino da maior preferência dos imigrantes bolivianos SOUCHAUD (2010). Vale destacar que não somente bolivianos, mas paraguaios e peruanos também correspondem a grande número de pessoas que migram em busca de melhores condições de vida. Não há registros oficiais no Brasil do número exato de imigrantes bolivianos residentes no país, calcula-se que apenas na cidade de São Paulo haja cerca de 200 mil bolivianos, segundo dados do Consulado da Bolívia, porém devido a clandestinidade não é possível identificar o número exato. A grande maioria trabalha nas mais de 20 mil oficinas de costura espalhadas pela capital (MERÇON, 2015).

O fluxo da migração boliviana para São Paulo iniciou quando eles passaram a ser contratados pelos coreanos, que deixaram de trabalhar para os árabes, donos de confecções, para abrir suas próprias confecções. Assim, deixavam seu país para aqui exercer a atividade de costura.

A indústria têxtil é um campo receptivo da mão de obra dos trabalhadores bolivianos. A produção de confecções para atender ao mercado nacional e internacional recruta essa mão de obra – seja pelo viés formal, seja pelo informal. O mercado interno brasileiro consome grande parte das confecções produzidas, no

entanto, há um grande contingente que visa a atender ao mercado externo, que são atendidas pelas redes de produção globais da indústria têxtil, ou seja firmas multinacionais. Essas unidades fabris usufruem da mão de obra barata dos imigrantes instalados no Brasil, em especial na cidade de São Paulo. Essas fábricas desagregam o processo de produção nacional em busca das vantagens oferecidas em locais internacionais. A mão de obra dos imigrantes bolivianos locados em São Paulo é vantajosa nesse sentido: uma empresa multinacional da indústria têxtil instalada em um país desenvolvido, por meio dos seus intermediários em nações diferentes, capta recursos que propiciem produção de bens e serviços com baixo custo e boa qualidade. Os imigrantes bolivianos, assim, trabalham exaustivamente nas oficinas de costura em São Paulo, produzem roupas que são, nessa rede de produção subsidiadas por intermediários, enviadas aos grandes polos de venda com etiquetas de marcas de grife e vendidas aos consumidores por preços exorbitantes mundo afora. Nesse retrato, trabalhadores imigrantes são submetidos a jornadas de trabalho que chegam a durar 16 horas diárias, são cerceados de liberdade por meio de dívidas dos salários ou cobranças irregulares ou por não terem documentação legalizada ou terem, ainda, documentos retidos pelos patrões – além de todos esses agravantes, recebem salários a baixo do mercado, que retornam, muitas vezes, em forma de “pagamento de dívidas” aos seus patrões (MERÇON, 2015; BEZERRA, 2014).

O lado negativo deste capital social está associado à articulação das redes com o propósito de exploração do trabalhador imigrante e sua sujeição ao trabalho degradante e péssimas condições de vida. Para tal finalidade, os empreendedores imigrantes se utilizam de meios espúrios, como o tráfico humano e a coerção (COUTINHO, 2011).

Segundo Coutinho (2011) os imigrantes recebiam em 2009 valores entre R\$0,30 e R\$1,80 por peça costurada, justificando as longas jornadas de trabalho que geralmente ultrapassam 16 horas diárias. Nesse ritmo, seu ganho mensal é em média 900 reais por mês. Os costureiros bolivianos moram nas próprias oficinas, dividindo pequenos espaços onde dormem e cozinham em condições precárias, pouco saindo às ruas. O medo de ir e vir causado pelo status clandestino é alimentado pelos donos das confecções como ferramenta de coerção, já que as leis brasileiras de imigração, são passíveis de deportação quando não possuem documentação legal. A intensa exploração desta força de trabalho sustenta a competitividade das oficinas de costura e faz da região central importante pólo para o comércio popular de vestuários. Para

Ojeda (2014) o registro do ponto é fraudado, o que acontece em geral é jornadas das 7 horas as 21 horas, com intervalo para almoço, sábados em horários estendidos e aos domingos e feriados.

Apesar das dificuldades encontradas pelos andinos que decidiram migrar para São Paulo e trabalham nas oficinas de costura, o deslocamento apresenta-se para estes enquanto oportunidade de uma mobilidade social ascendente. Nas imigrações laborais a almejada ascensão social é contabilizada pelo imigrante por meio da conversão cambial. Não basta somente mover-se com rumo a regiões economicamente mais prósperas, a valorização da moeda estrangeira em relação a sua nacional, deve compensar o deslocamento. Os lucros em Real obtidos com o trabalho no Brasil podem mais que quadruplicar seu valor em Bolivianos, servindo à manutenção dos familiares que permaneceram por meio do envio de remessas e a construção de casas próprias e pequenos negócios. A influência das remessas enviadas por emigrantes para o desenvolvimento econômico dos seus países de origem é fortemente presente na América Latina. Em 2006, os recursos enviados por emigrantes à Bolívia somaram US\$ 972 milhões. Esta é a segunda principal fonte de divisas do país, sendo superada apenas pelos ganhos obtidos com a exportação de gás natural, de acordo com informações do Centro Boliviano de Economia (Cebec). Esse fato corrobora a importância que os deslocamentos populacionais assumem para o trânsito de capital (COUTINHO, 2011).

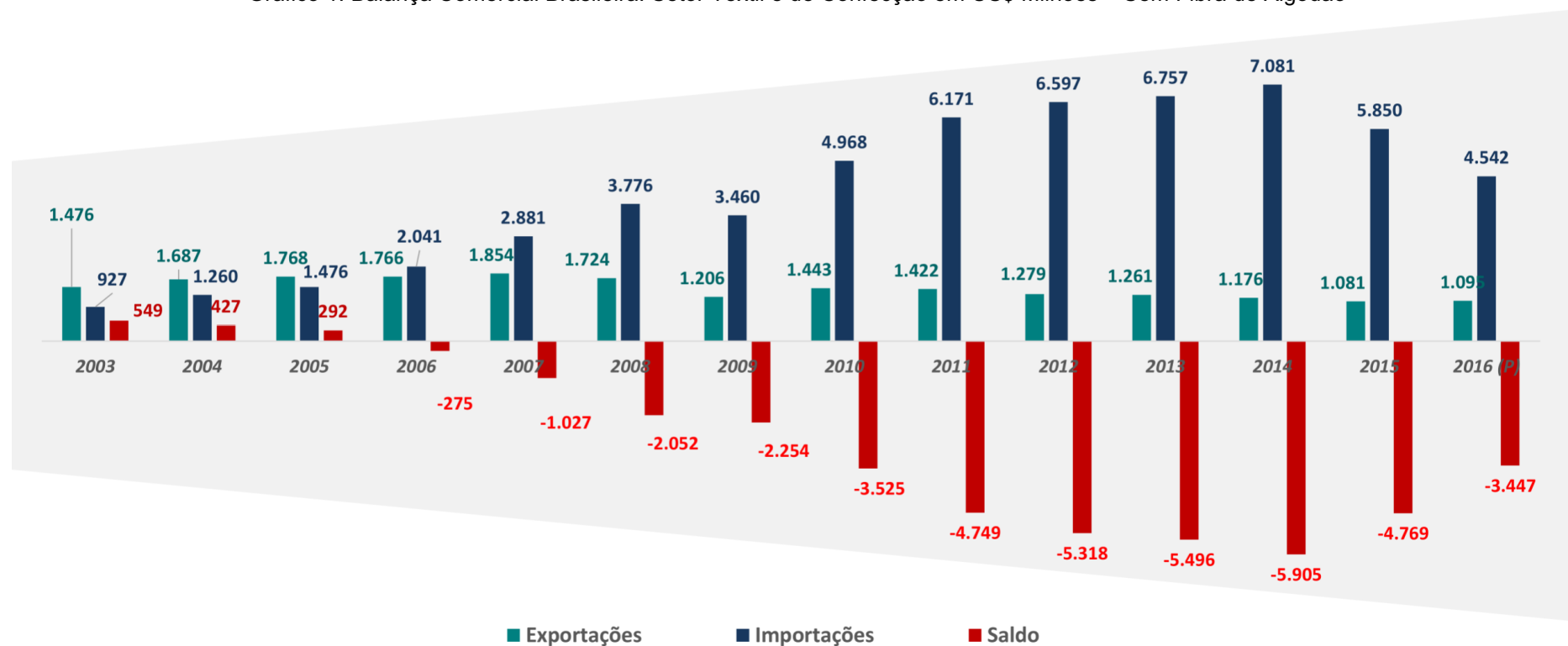
4.3 BALANÇA COMERCIAL

De acordo com os dados da ABIT (2016), após cinco anos com superávits, a balança comercial brasileira apresentou déficits em 2006 de US\$ 275 milhões, em 2007 de US\$ 1 bilhão e em 2008 US\$2 bilhões, justificado pelo fim do ATV em 2005, que propiciou condições desequilibradas vis aos concorrentes asiáticos. O grande volume de importações ilegais, o câmbio fixo e desvalorizado, juros impraticáveis para a indústria, além da pesada carga tributária impede a indústria têxtil brasileira de mostrar a sua competência. Em 2014 foi o auge do deficit, US\$5,9 bilhões, destaca-se pela queda no preço das commodities maior que a esperada e a crise econômica na Argentina, país que é um dos nossos principais compradores de produtos têxteis. Em 2015 o Brasil exportou um total de US\$1,08 bilhões

correspondente a 206 mil toneladas e as importações foram de US\$5,85 bilhões, ou seja, 1127 mil toneladas, o que gerou um deficit de US\$4,8 bilhões na balança comercial brasileira. Para 2016 a expectativa é de mudanças no comportamento das entradas e saídas do setor. Estima-se que o ano se encerrará com um deficit de US\$3,4 bilhões, porém não haverá crescimento significativo nas exportações que fecharão aproximadamente com US\$1,1bilhão, ou seja, 217 mil toneladas, mas sim com uma redução substancial nas importações, US\$4,5 bilhões – 890 mil toneladas, devido principalmente a crise financeira enfrentada pelo país e por a valorização cambial em relação ao dólar. O volume de exportações permanece constante desde 2003 até 2016 (período analisado), com o aquecimento da demanda interna houve o aumento significativo do volume das importações. O que evidência a falta de incentivo e o baixo investimento no setor.

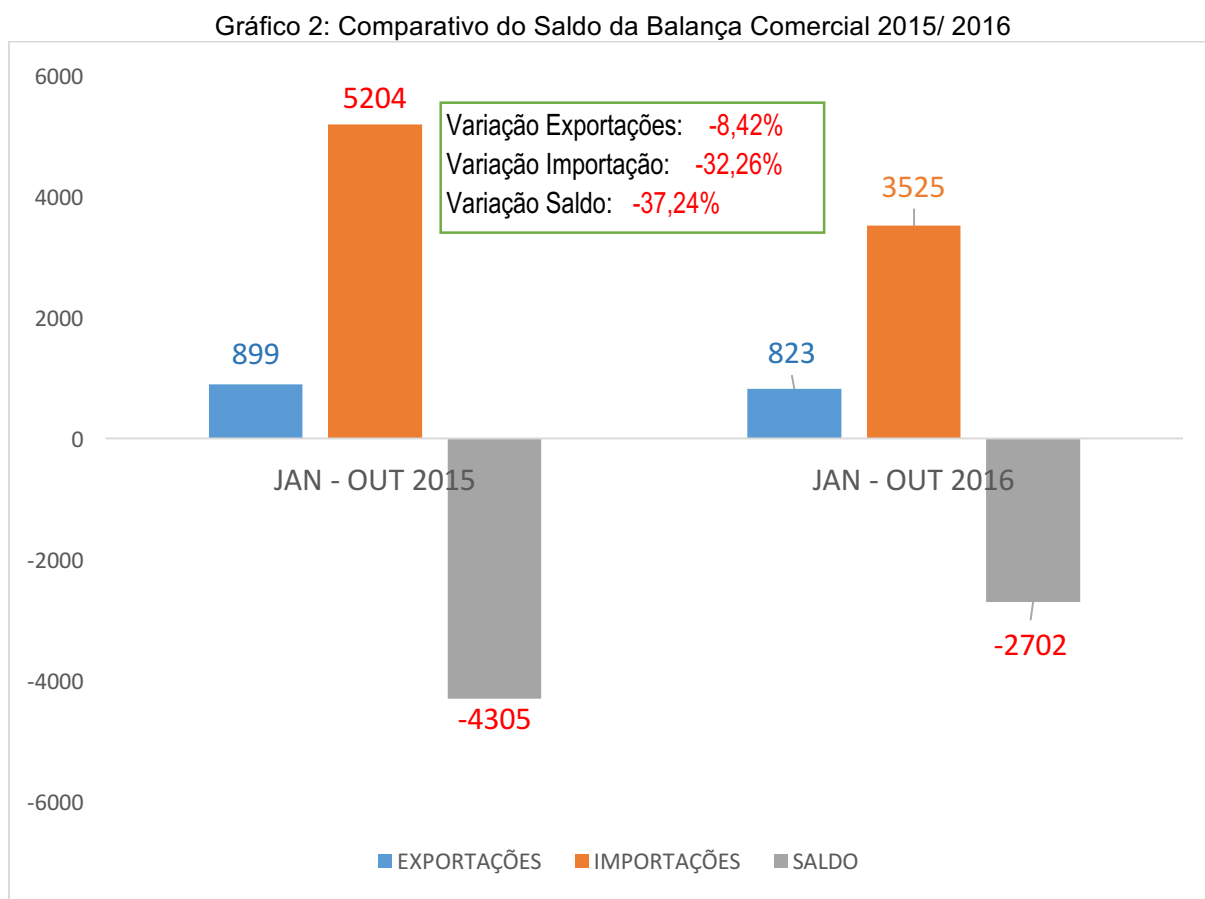
Vale notar que de 2001 a 2005 o saldo da balança comercial têxtil operou em superávit, devido, principalmente, ao processo de modernização do setor e a uma importante ajuda do câmbio, que tornou o mercado pouco atrativo para as importações (COSTA & ROCHA, 2009).

Gráfico 1: Balança Comercial Brasileira: Setor Têxtil e de Confeção em US\$ Milhões – Sem Fibra de Algodão



FONTE: ABIT, 2016

No gráfico 2 podemos ver o comportamento recente da balança de comercial , apondando uma queda nas importações comparadas ao mesmo período de 2015. O saldo de janeiro a outubro de 2016 foi de US\$2,7 bilhões, uma redução de 37pp.



Fonte: ABIT, 2016

De acordo com a tabela 4 os principais produtos da pauta de exportação nacional são de fibras naturais (além do algodão puro) US\$141 milhões, tecidos planos de algodão US\$151 milhões e a Linha Lar US\$29,9 milhões. O principal destino das exportações brasileiras é a Argentina que registrou em 2015 um total de US\$251 milhões, seguido pelos Estados Unidos com US\$124 milhões e o Paraguai com US\$87 milhões (ABIT, 2016). Destaque nas exportações para o vestuário, pois geralmente o produto exportado é devido a desempenhos de tecelagens de malhas brasileiras, em termos de adoção de inovações e diferenciação do produto através de tendências da moda (COSTA & ROCHA, 2009).

Tabela 3: Comparativo de Exportações de Produtos Têxteis em US\$ milhões - Sem fibras de algodão

EXPORTAÇÕES (US\$ MILHÕES)	2014	2015	VAR. %
TOTAL	1177	1080	-8,24%
Fibras	175	141	-19,43%
Fios	64	58,4	-8,84%
Filamentos	61,6	64,7	4,94%
Elastano	35,5	45,3	27,64%
Tecidos	247,4	263,5	6,49%
Planos Sintéticos	142,3	151,1	6,18%
Malha	56,6	62,4	10,30%
Vestuário	145,3	127,6	-12,19%
Cameba	33,1	29,9	-9,60%
Outros	450,6	394,9	-12,36%

Fonte: ABIT, 2016

A China é o principal fornecedor de material têxtil para o Brasil, em 2015 foi um total de US\$3,2 bilhões, seguido por US\$380 milhões importados da Índia e US\$307 milhões da Indonésia. Os produtos importados de maior relevância comercial são vestuário totalizando em 2015 US\$2,3 bilhões, seguido de tecidos planos sintéticos US\$468 milhões e filamentos de poliéster US\$375 milhões (ABIT, 2016).

Tabela 4: Comparativo de Importações de Produtos Têxteis em US\$ milhões - Sem fibras de algodão

IMPORTAÇÕES (US\$ MILHÕES)	2014	2015	VAR. %
TOTAL	7080	5850	-17,37%
Fibras	224	119,4	-10,98%
Fios	601,2	431,5	-28,24%
Filamentos	918,1	668,8	-27,15%
Poliéster	534,6	375,8	-29,68%
Tecidos	1647,2	1213,3	-26,35%
Planos Sintéticos	683	468	-31,47%
Malha	554,2	366,9	-33,80%
Vestuário	2555,4	2374,7	-7,07%
Cameba	157,4	124,5	-20,93%
Outros	976,7	837,8	-14,22%

Fonte: ABIT, 2016

5 PANORAMA DO SETOR

O Brasil está entre os oito maiores mercados consumidores de produtos finais da cadeia têxtil do mundo e, o que mais cresceu nos últimos dez anos. Porém, é possível verificar também um aumento significativo na participação dos produtos importados no abastecimento do mercado brasileiro. Isso se deu em função de questões macroeconômicas e estruturais. A importação de vestuário, por exemplo, aumentou 24 vezes na última década saltando de US\$ 148 milhões para US\$ 3,5 bilhões. Cerca de 15% do mercado total de vestuário é abastecido por marcas importadas sendo que, dez anos atrás, esse índice era de apenas 2% (MOSCA et al., 2015).

5.1 DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE NACIONAL

Os mercados consumidores de produtos têxteis podem ser classificados em mercados de *commodities*; com produtos padronizados, mercados segmentados e produtos diferenciados (RANGEL, et al., 2010).

O acirramento da concorrência conduziu à redefinição das estratégias das empresas e à reestruturação pesada da cadeia produtiva em todo o mundo. O modelo verticalizado de produção passou a dar lugar a um modelo fragmentado das cadeias produtivas, em que cada etapa acontece independente, o que facilita a compra de produtos do subsetor antecessor com melhores condições de concorrência para aproveitar as vantagens oferecidas no mercado mundial. Isso tem distanciado a perspectiva de cooperação e defesa da indústria nacional diante da concorrência internacional – se a fibra de poliéster chinesa é mais barata do que a nacional, importa-se. Muitas empresas integradas desativam a etapa da fiação para se dedicarem exclusivamente à tecelagem. As confecções, passam a importar o produto acabado dos países asiáticos, principalmente marcas famosas. O mesmo ocorre com o varejo, grandes lojas de departamento, que envia os moldes para a China e recebem o produto acabado (idem).

Os desafios que a indústria têxtil possui hoje, não se difere muito de outras indústrias de transformação. Porém alguns aspectos específicos, inerentes à indústria têxtil, podem ser grandes barreiras para um melhor desempenho do setor.

Coutinho & Ferraz (1993) dividem os fatores da competitividade em três categorias (i) internos; (ii) estruturais; (iii) natureza sistêmica. Em cima dessas três perspectivas será analisado o setor têxtil.

Os **Fatores Internos** às empresas são aqueles que estão sob sua esfera de decisão, baseados em quatro áreas de competência:

- **Gestão:** os custos para atendimento das questões burocráticas são enormes no Brasil. Mudar esse quadro é fundamental para melhorarmos a competitividade da indústria nacional. Um estado mais eficiente, rápido e barato, com fiscalização orientadora (MOSCA et al., 2015).
- **Inovação:** os esforços inovativos da cadeia no Brasil ainda são tímidos e fortemente baseados na compra de máquinas e equipamentos estrangeiros, o que enfraquece a própria estratégia competitiva escolhida e abre cada vez mais espaço para os produtos importados. É fundamental que as empresas procurem desenvolver atividades inovativas de forma conjunta, apostando em soluções de fortalecimento de sistemas integrados de produção e comercialização, associando as grandes empresas à empresas menores, com objetivo de diminuir custos operacionais, ambientais, de energia, etc. Ao governo, cabe fomentar o desenvolvimento de um sistema nacional, regional e local de inovação que permita às empresas suportar os riscos inerentes às atividades inovativas (COSTA & ROCHA, 2009).
- **Produção:** No Brasil, a estratégia competitiva das empresas é seguir as tendências de moda internacionais, encontrar nichos de mercado e oferecer produtos diferenciados (com marca e estilistas reconhecidos). A ideia de fortalecer a marca Brasil como característica de estilo próprio, qualidade de produto e respeito socioambiental, tem sido um ótimo argumento para fidelizar mercados e abrir novos. Outra técnica organizacional é aumentar o número de coleções por ano e encontrar nichos de mercado por grupos específicos, a fim de fomentar nos consumidores uma preocupação de estar na moda, para que evitem os produtos mais padronizados. Contudo, a característica crucial é a otimização no uso dos recursos buscando preços acessíveis. (COSTA & ROCHA, 2009).
- **Recursos Humanos:** parcerias com a ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção) e organizações de ensino em geral para formar costureiros, *desing* têxtil, profissionais de *marketing* relacionado a moda e

operadores de máquinas (MOSCA et al., 2015). Dessa forma é possível aumentar produtividade, melhorar a qualidade do produto final e integrar mais a indústria.

Os **Fatores Estruturais** são aqueles que estão parcialmente sob a área de influência da empresa e que caracterizam o ambiente competitivo no qual ela concorre:

- **Características dos Mercados:** dificuldade das empresas brasileiras em fixar marca própria no mercado internacional, o que possibilitaria um melhor posicionamento competitivo e o grande aumento da tendência do consumo de produtos têxteis sintéticos, no qual o Brasil não possui produção significativa (COSTA & ROCHA, 2009)
- **Configuração da Indústria:** a indústria têxtil e confecção possui escasso poder de mercado frente aos fornecedores de matérias primas sintéticas e artificiais e máquinas e equipamentos, bem como diante das redes de comercialização. As inovações tecnológicas são incrementais não havendo mudanças radicais. O indústria têxtil fica na dependência das inovações tecnológicas, que ocorrem exogenamente ao setor, principalmente as promovidas pela indústria de máquinas e equipamentos e de fibras sintéticas e artificiais, essa é uma característica que ocorre o mundo todo. A rigor, a indústria têxtil pode ser caracterizada como de fraca capacitação interna de engenharia e P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) e de baixa apropriação de vantagens tecnológicas. O tempo de maturação do investimento no setor é maior do que em outras cadeias produtivas. O maquinário com de 5 anos ainda é atualizado e competitivo, o que facilita o retorno do investimento. (NAPOLI, 2007)
- **Concorrência:** a concorrência no mercado global tende a privilegiar aspectos relativos às especificações técnicas, diferenciações de produtos, financiamentos (prazos e custos financeiros), qualidade e rapidez na entrega, entre outros. E ainda uma maior dependência dos produtos às variações da moda. (VIANA et al., 2008).

Os **Fatores Sistêmicos** da competitividade são aqueles determinados por fatores exógenos à empresa e à estrutura industrial:

Macroeconômicos: destes, destacam-se as variações cambiais, tanto no mercado doméstico como no mercado externo. A desvalorização do Real, diante do dólar, nos últimos anos – importante proteção a indústria nacional, ainda não tem sido considerada suficiente para aumentar a competitividade e estimular a produção do setor têxtil no Brasil. A instabilidade cambial encarece os importados e pesa sobre algumas matérias primas, já que o importador não tem como saber sobre o câmbio futuro e embute essa incerteza nos preços. De acordo com a ABIT, os ajustes chegam a 15%. Um outro fato que pesou foi o fim do benefício da desoneração de mão-de-obra como parte do pacote de ajuste fiscal implementado no ano de 2014. A alíquota que incide sobre as empresas do setor têxtil passou de 1% para 2,5% da receita (EM, 2016). A oferta de crédito, de alto custo e fracamente desenvolvido em termos de longo prazo, é predominante no Brasil. Comparado aos concorrentes internacionais essa é uma das mais impactantes desvantagens que a indústria nacional tem. Construir um ambiente mais favorável ao investimento é essencial para poder disputar melhor o mercado doméstico e o internacional. (MOSCA et al., 2015) No Brasil, além do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que proporciona crédito acessível à indústria, alguns estados contam com fundos de incentivo próprio. Um deles é Pernambuco, que possui o Fundo para Desenvolvimento da Cadeia Têxtil e de Confecção – FUNTEC para apoiar segmentos da cadeia têxtil.

- **Político institucional:** aborda políticas tributária e tarifária e o apoio fiscal ao risco tecnológico. O Governo do Estado de Santa Catarina promoveu algumas alterações para o crédito presumido do ICMS (Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação), que beneficia a produção interna. Entre elas, a determinação de que o estabelecimento industrial beneficiário deverá utilizar, no mínimo, 85% de matéria prima produzida em território nacional, sendo 25% do Estado de SC – podendo o restante ser importado, porém, por meio de portos ou aeroportos situados no estado (CMMR, 2015). Com a elevada carga tributária aplicada a cadeia têxtil no Brasil, as pequenas empresas costumam optar por operar de maneira informal, para que sua receita não seja comprometida. O setor conquistou, desde 2015, desoneração na folha de pagamentos, através de uma medida

provisória. Ou seja, em vez de pagar 20% sobre a folha para o INSS, pagam apenas 1,5% sobre a receita bruta (COSTA & ROCHA, 2009).

- **Regulatórios:** compreendem as políticas necessárias para organizar e proteger o setor. A indústria têxtil possui fracas barreiras à entrada, tecnológicas e de capital, com a ameaça permanente da entrada de novas firmas. A tecnologia de produção é milenar, sendo que existem barreiras tecnológicas que impedem um maior avanço das inovações tecnológicas. Segundo Rangel et al. (*apud* GOMES *et al.*, 2007) as fabricantes de máquinas têxteis geralmente são pequenas e podem ser caracterizadas como de fraca capacitação interna de engenharia e P&D e de baixa apropriação de vantagens tecnológicas. Por outro lado, a inexistência de barreiras à entrada propicia a sobrevivência de muitas pequenas e micro-unidades industriais. (ROCHA, 2008 *apud* BNB, 2006). Outro entrave é a questão dos tecidos sintéticos. Enquanto o mundo tem uma depreciação do preço do petróleo e derivados, no Brasil isso não é uma verdade. Com isso os preços dos tecidos sintéticos não são beneficiados e acabam perdendo competitividade para a China (EM, 2016). Existe uma tendência de maior preocupação em relação à legislação ambiental, principalmente junto às lavanderias, que são muito utilizadas nos acabamentos têxteis. A minimização dos impactos ambientais geram custos com escolha e aquisição de máquinas e equipamentos apropriados, tipo e nível de consumo de energia necessários para a operação e identificar como pode ser reduzido os resíduos e a melhor maneira de eliminá-lo. Ainda, ter que investir em equipamentos com filtros para remoção de materiais particulados e gasosos e tanques para tratamento de água e procurar usar produtos biodegradáveis e não tóxicos, assim como fazer tratamento de água (TONIOLLO et al., 2015).
- **Infraestrutura:** são fatores que impactam diretamente o custo da produção. O Brasil sofre com o alto custo de transporte o que encarece a aquisição de insumos, mesmo considerando a proximidade de algumas indústrias no Nordeste com a produção algodoeira. O transporte de distribuição do produto final, também gera um custo elevado (VIANA et al., 2008). O país possui algodão de alta qualidade, mas fazê-lo chegar às indústrias é muitas vezes mais caro do que importá-lo dos Estados Unidos, Índia ou África. No subsetor de fibras e filamentos químicos, muitas empresas migraram para outras áreas

devido ao elevado custo de transporte e problemas para abastecimento de matéria prima (COSTA & ROCHA, 2009). Também a energia é um dos grandes custos que a indústria têxtil possui. Na fiação é consumida em força motriz e refrigeração; na tecelagem, malharia e confecção, em força motriz e iluminação; no beneficiamento, em força motriz e também combustível para vapor. Com a crise energética que o país sofre desde 2012, a indústria sofre com altos custos (GARCIA, 2016). Mesmo que existam incentivos dos órgãos de suporte à indústria para redução de custos e orientações sobre como se comportar num mercado com altos custos, muitas vezes esses incentivos acabam sendo insuficientes em termos de competitividade internacional, principalmente quanto ao mercado asiático. O custo de energia para a indústria no Brasil em 2015 é superior a 200% ao da China e com matriz energética menos eficiente. (ECONOMIASC, 2015). Desde a criação do Plano Real em 1994 o preço da energia elétrica subiu muito além do que o reajuste dos produtos têxteis (SIENA et al., 2009). Dentre outros pontos, portos caros e ineficientes, aeroportos com utilização acima da capacidade e mal aparelhados, rodovias esburacadas e com pedágios caros, energia escassa e sem linhas de distribuição revelam a necessidade de profundas mudanças nessa área (MOSCA et al., 2015).

- **Sociais:** são oportunos para a cadeia ter respaldo frente aos consumidores, além de desenvolver a sociedade como um todo. Educação de baixa qualidade e um contingente enorme de analfabetos (funcionais ou não) reduzem, junto a outros fatores, a produtividade de todo o País. Mudar esse quadro e preparar a mão de obra para receber a devida qualificação é um desafio que precisa ser enfrentado definitivamente. Negociação de fornecimento de uniforme escolar direto com o governo federal estão sendo feitas para movimentar a indústria têxtil e garantir melhores condições para as crianças nas escolas. Os encargos salariais tornam o custo com mão de obra muito elevado e não valorizam o funcionário tampouco incentivam o empregador. (MOSCA et al., 2015). Um ponto que deve ser abordado é o fato de muitos bolivianos trabalharem em oficinas de confecção no Brasil, em péssimas condições, com documentação ilegal. Algumas marcas buscam por mão de obra mais barata e contratam oficinas terceirizadas para fazer a confecção. Nesse caso existe um risco de

imagem para as indústrias em geral, colocando a indústria nacional como exploradora de mão de obra.

- **Internacionais:** abordam as tendências do comércio mundial. Toda a indústria brasileira está sofrendo fortemente a concorrência internacional. O déficit da balança comercial não para de crescer. Empregos e empresas estão ameaçados. O País tem condições de disputar tanto o mercado doméstico, como outros mercados. Tornar definitivo o mecanismo do Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra) – o regime compensa parte da carga tributária dessas indústrias, liberando recursos para investimentos, que garante um crédito de 3% para os empresários sobre o valor dos manufaturados exportados. O aumento da alíquota desta restituição e a ampliação dos setores beneficiados pelo programa fomentariam o desenvolvimento do Brasil, além de permitir às empresas que possam tratar das exportações como estratégia de longo prazo em seus modelos de negócios (FIESP, 2012). Aprimorar a divulgação de dados de comércio exterior, com mais transparência e da forma mais desagregada possível, para que a sociedade possa contribuir para apontar às autoridades indícios de descaminho. Fortalecer e agilizar os processos de defesa comercial. Instituir com o México reciprocidade nas preferências outorgadas pelo Brasil àquele país no âmbito da ALADI – Associação Latino-Americana da Integração. Destravar a gestão do Acordo com o Mercosul e fazer com que volte a ser um promotor de comércio e investimentos e revisar as regras de origem. Com a Colômbia destravar cronograma de desgravação tarifária hoje dependente de assinatura da Venezuela e aperfeiçoar os mecanismos de administração e controle das compras internacionais pela internet (MOSCA et al., 2015). O país corre o risco de ter sua cadeia desestruturada em território nacional, com um pequeno grupo de empresas formais e competitivas de caráter exportador, ao lado de um grande número de pequenas empresas informais fornecendo para o mercado interno apenas nos espaços não alcançados pelas importações (COSTA & ROCHA, 2009).

5.2 CENÁRIO DO SETOR TÊXTIL

A concorrência com a China, por exemplo, deve-se a problemas estruturais de falta de competitividade da indústria nacional que envolvem a organização fabril, o nível de atualização tecnológica de máquinas e equipamentos e as estratégias comerciais adotadas (RANGEL et al., 2010).

5.2.1 Importância do Setor na economia Brasileira

A cadeia têxtil produziu em 2014 cerca de R\$ 126 bilhões, o que é equivalente a 5,6% do valor total da produção da indústria brasileira de transformação, aí excluídas as atividades de extração mineral e a construção civil, que complementam o setor secundário da economia. (IEMI, 2015)

Os empregos gerados pela cadeia têxtil somaram 1,6 milhão de postos de trabalho direto em 2014, ou o equivalente a 16,9% do total de trabalhadores alocados na produção industrial nesse ano. Estima-se que 8 milhões de trabalhadores diretos e indiretos, dos quais 75% são de mão de obra feminina. Mesmo com uma redução de 100 mil postos de trabalho, é um segmento de forte impacto social, além da sua grande relevância econômica. É o 2º maior empregador da indústria de transformação, perdendo apenas para alimentos e bebidas (juntos), é o 2º maior gerador do primeiro emprego.

O Brasil está entre os cinco maiores fabricantes mundiais de produtos têxteis manufaturados, porém a sua produção é essencialmente voltada para o mercado interno. O Brasil participa com apenas 1,0% das exportações, apesar de deter 2,4% da produção mundial de manufaturados têxteis. Não possui relevância entre os países exportadores, tampouco como país importador, o qual se encontra na 19ª posição.

Tabela 5: Evolução Recente do Cenário do Setor Têxtil e de Confecção

	2014	2015	2016
Produção Vestuário	-6,60% (6,15 bi peças)	-10,00% (5,5 bi peças)	-1,80% (5,4 bi peças)
Produção Têxtil	-3,20% (2,2 mi ton)	-14,50% (1,9 mi ton)	9,00% (2,08 mi ton)
Varejo de Vestuário	-1,10% (7,0 bi peças)	-8,00% (6,45 bi peças)	-4,80% (6,15 bi peças)
Faturamento do Setor Têxtil e de Confecção	R\$ 126 bi (US\$ 53,6 bi)	R\$ 121 bi (US\$ 36,2 bi)	R\$ 127 bi (US\$ 30,9 bi)
Investimentos	R\$ 2.564 mi (US\$ 1.091 mi)	R\$ 2.494 mi (US\$ 749 mi)	R\$ 2.795 mi (US\$ 680mi)
Geração de Empregos	Perda de 21 mil postos (1,6 milhão postos)	Perda de 100 mil postos (1,5 milhão postos)	Estabilidade (1,5 milhão postos)
Exportação	US\$ 1,18 bi 215 mil ton	US\$ 1,08 bi 206 mil ton	US\$ 1,1 bi 217 mil ton
Importação	US\$ 7,08 bi 1.365 mil ton	US\$ 5,85 bi 1.127 mil ton	US\$ 4,5 bi 890 mil ton
Saldo da Balança Comercial	Déficit US\$ 5,9 bi	Déficit US\$ 4,8 bi	Déficit US\$ 3,4 bi

Fonte: ABIT, 2016

Em 2015 a indústria têxtil e Confecção brasileira faturou US\$ 36,2 bilhões; contra US\$ 53,6 bilhões em 2014, espera-se para 2016 US\$30,9. Foi investido setor US\$ 749 milhões, contra US\$ 1.091 milhão em 2014, em 2016 houve redução em investimentos na área totalizando US\$680 milhões. Produção média de vestuário foi de 5,5 bilhões de peças, contra 6,15 bilhões de peças em 2014 – uma redução de 10% de um ano para o outro, já em 2016 estima-se que cairá apenas 1,8% o número de peças confeccionadas. A produção média têxtil de 2014 para 2015 teve uma redução de 14,5 % e foi de 1,9 milhões de toneladas e a perspectiva para 2016 é um crescimento de 9%, o que significa 2,08 milhões de toneladas.

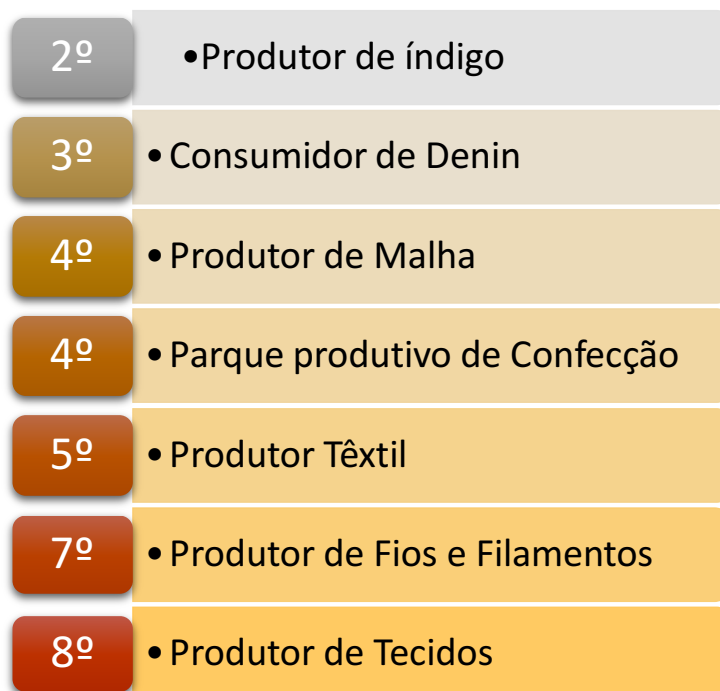
A indústria da moda reúne diferentes características, dificilmente encontradas em outros setores. Fala de arte, negócios, artesanato e alta tecnologia. Mistura química, física, sociologia e história. Autossuficiente na produção de algodão, o Brasil produz 9,4 bilhões de peças confeccionadas ao ano (destas, cerca de 5,3 bilhões em peças de vestuário). Existem, no país, mais de 100 escolas de cursos livres, técnicos,

graduação e pós graduação relacionados a têxtil e moda. Fatura cerca de R\$ 100 bilhões/ ano através de mais de 33 mil empresas formais, sendo 75% confecções de pequeno e médio portes. Paga R\$ 14 bilhões/ano em salários, tem investido a média de R\$ 5 bilhões a cada ano (somando desembolsos do BNDES e aquisição de máquinas e equipamentos) e recolheu R\$ 7 bilhões em contribuições federais e impostos em 2013. É a maior cadeia integrada do setor no ocidente (MOSCA et al., 2015; IEMI, 2015; ABIT, 2016).

5.2.2 Importância do Setor no Mundo

O Brasil é, ainda, a última Cadeia Têxtil completa do Ocidente. Existe desde a produção das fibras, como plantação de algodão, até os desfiles de moda, passando por fiações, tecelagens, beneficiadoras, confecções e forte varejo. É referência mundial em design de moda praia, *jeanswear* e *homewear*, tendo crescido também os segmentos de *fitness* e *lingerie*.

Figura 3: Ranking do Brasil na Produção Mundial



O Brasil é a única cadeia têxtil completa do Ocidente, desde o cultivo do algodão até a produção de moda de alto padrão, passando por produção de fibras, fiação, tecelagem, beneficiadoras, confecção e varejo. O país é referência mundial em design de moda praia, *jeanswear* e *homewear*, tendo crescido também os segmentos de *fitness* e *lingerie*. O Brasil ainda conta com a Semana de Moda, SPFW – São Paulo Fashion Week, considerada uma das cinco melhores do mundo (ABIT, 2015).

Para combater a concorrência chinesa, a indústria têxtil brasileira vem adotando medidas protecionistas e utilizando estratégias focadas na comercialização de produtos de alta qualidade e marcas fortes para nichos de mercado de médio e alto padrão aquisitivo, consolidando a marca no mercado internacional ou utilizando canais de distribuição próprios nas principais cidades do mundo. Entre as estratégias, as mais utilizadas pelas empresas são o investimento na qualidade e no design dos produtos (51%), redução de custos ou ganhos de produtividade (50%), diferenciação de marca, imagem, marketing (40%) e também a redução drástica de preços ou da lucratividade. Todas as estratégias têm a marca e o design como ativos mais importantes para conquistar o consumidor final e se apropriar de uma parcela maior do valor agregado ao longo da cadeia. (FLORES, 2015; MAHLMEISTER, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria têxtil e confecção possui uma grande importância histórica no processo de industrialização brasileiro, principalmente pela sua capacidade de geração de empregos e potencialidade para contribuir na melhoria da balança comercial nacional.

Grande gerador de empregos, o setor conta com mais de 1,6 milhões de trabalhos formais diretos e mais de 10 milhões se considerados os trabalhadores indiretos, dentre esses 75% são mulheres. Conta também com uma parcela de mão de obra estrangeira vinda de países da América Latina, principalmente da Bolívia, que muitas vezes se encontram em condições de trabalho e remuneração em desacordo com as exigências trabalhistas brasileiras. Esses trabalhadores possuem um papel fundamental na reestruturação produtiva e no processo de circulação de trabalhadores e capital, visto que uma parcela significativa do valor recebido é transferido para o país de origem. Estima-se que essa seja a segunda principal fonte de divisas da Bolívia.

Os processos produtivos do setor têxtil são totalmente interligados e dependentes, porém o Brasil possui baixo grau de verticalização, devido a carência na produção de fibras químicas, o que resulta uma dependência por importações afetando diretamente o saldo da balança comercial.

Com o processo de modernização do setor, desvalorização cambial, o saldo da balança comercial têxtil operou em superávit de 2001 a 2005. A partir de então com a finalização da ATV, valorização cambial e a facilidade de importações, o setor começou a registrar elevados números de importação. O saldo da balança comercial brasileiro do setor vai fechar 2016 com US\$3,4 bilhões negativos.

A China é considerada o principal desafio em termos de mercado doméstico e externo para o Brasil. O fortalecimento competitivo é, portanto, a principal estratégia a ser adotada por essa indústria e deve estar baseada, principalmente, em investimentos em inovação tecnológica, na diversificação e no adensamento das cadeias produtivas.

Projetos enfatizam a importância da ampliação da competitividade da indústria têxtil, na modernização, na consolidação empresarial, no fortalecimento da cadeia produtiva, no desenvolvimento de produtos de maior valor agregado, na necessidade de se expandirem as exportações, através da desoneração da produção e dos investimentos, porém enfrentam dificuldades tributárias, difícil acesso a

financeirantes, questões de ordem trabalhista, problemas logísticos e infraestrutura precária, conjugado ao envelhecimento do parque fabril nacional. O que se espera para melhorar a inserção da indústria no mercado mundial são ampliação do acesso ao crédito e financiamentos, manutenção das taxas cambiais a níveis impulsionadores do comércio, assim como a ampliação dos acordos internacionais, combate a práticas desleais de comércio e a desoneração da carga tributária.

REFERÊNCIAS

ABINT. Algumas Aplicações do Não tecido. ABINT Associação Brasileira das Indústrias de Não Tecidos e Tecidos Técnicos. Disponível em: <<http://www.abint.org.br/aaplicacoes.html>>. Acesso em: 10/11/2016.

ABIT. Perfi do Setor. Dados gerais do setor atualizados em 2016, referentes ao ano de 2015. 2016. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor#sthash.4jC38fRb.dpuf>>. Acesso em: 18/09/2016.

ABIT(2). Melhora déficit da balança comercial do setor têxtil. ago 2016. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/noticias/melhora-deficit-da-balanca-comercial-do-setor-textil>>. Acesso em: 15/10/2016.

ABRAFAS - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTOS DE FIBRAS ARTIFICIAIS E SINTÉTICAS. Estatísticas Anuais, Ano, 2006 a 2016. <<http://www.abrafas.org.br/estatisticas/index.html>>. Acesso em: 10/11/2016.

AMARAL, D. F. Efeitos do Fim do Acordo Multifibras na Produção e no Emprego dos Setores Têxtil e de Vestuário no Brasil. Piracicaba – SP 2006. Disponível em <<http://www.sober.org.br/palestra/5/1010.pdf>>. Acesso em: 20/10/2016.

BEZERRA, F. D. Análise Retrospectiva e Prospectiva do Setor Têxtil no Brasil e no Nordeste. Informe Macroeconomia, Indústria e Serviços, Fortaleza, Ano VIII, n. 2. Ago. 2014. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/documents/88765/89729/iis_ano8_n03_2014_textil.pdf/d9c9bcdc-38ac-4991-bf84-d25669d9c818>. Acesso em: 10/11/2016.

BICALHO, J. A. A Tragédia da Indústria Têxtil. Out 2014 Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/opinião/colunas/josé-antônio-bicalho-1.334759/a-tragédia-da-indústria-têxtil-1.334515>>. Acesso em: 20/10/2016.

BOUÇAS, C. Principais Riscos à indústria têxtil estão no Brasil. Valor Econômico. Jan. 2015. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/3873644/principais-riscos-industria-textil-estao-no-brasil-diz-abit>>. Acesso em: 10/08/2016.

Canab Companhia Nacional de Abastecimento. Perspectivas para a Agropecuária: Produtos de Verão. Brasília, Volume 3 - Safra 2015/2016. Set. 2015. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/15_09_24_11_44_50_perspectivas_agropecuaria_2015-16_-_produtos_verao.pdf>. Acesso em: 10/08/2016.

COUTINHO, B. Imigração Laboral e o Setor Têxtil-Vestuário de São Paulo: notas sobre a presença boliviana nas confecções de costura. Jul - dez 2011 Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/5040/4178>>. Acesso em: 17/11/2016.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. (coord.). Estudos da competitividade da indústria brasileira – ECIB. 2 ed. Campinas: Unicamp/Papirus, 1993. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0002/2269.pdf>. Acesso em: 17/10/2016.

COSTA, A. C. R.; ROCHA, E. R. P. Panorama da Cadeia Produtiva e Têxtil e de Confecção e a Questão da Inovação. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009 Disponível em:
<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/Set2905.pdf> Acesso em: 16/09/2016.

Câmbio não bastou para elevar competitividade da indústria têxtil. Revista EM. Fev 2016. Disponível em:
<http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/02/07/internas_economia,732344/cambio-nao-bastou-para-elevar-competitividade-da-industria-textil.shtml> acesso 08/11/2016

CMMR, A. SC altera regras para uso do crédito presumido de ICMS têxtil - 16/10/2015. Ascom/Sefaz/SC disponível em:
<<http://www.mainhardt.com.br/noticias/sc-altera-regras-para-uso-do-credito-presumido-de-icms-textil-16102015/99/>>. Acesso em: 18/11/2016.

Em busca de custo menor, 42 indústrias brasileiras se instalam no Paraguai. Revista Graffos. Out 2015. Disponível em: < <http://www.revistagraffos.com.br/em-busca-de-custo-menor-42-industrias-brasileiras-se-instalam-no-paraguai>>. Acesso em: 02/06/2016.

FIESP, Prorrogação do Reintegra é Boa, mas Mecanismo Deveria Ser Permanente, Aponta Fiesp dez. 2012. Fiesp Disponível em:
<<http://www.fiesp.com.br/noticias/prorrogacao-do-reintegra-e-bom-mas-mecanismo-deveria-ser-permanente-aponta-fiesp-2/>>. Acesso em: 18/10/2016.

FILHA, D. C. M.; CORRÊA, A. Complexo têxtil. 2002, p. 28. Disponível em:
<<http://www.redetec.org.br/wp-content/uploads/2015/02/setorial11.pdf>>. Acesso em: 03/11/2016.

FILHO, A. D. Panorama do Setor Têxtil e de Confecções. Jun 2008. Disponível em:
<http://www.abit.org.br/abitonline/2011/06_07/apresentacao.pdf> acesso em 20/10/2016>. Acesso em: 03/10/2016.

FLORES, M. Aumentam Perdas da Indústria Brasileira Diante da Concorrência Chinesa. Portal Da Indústria. Set. 2015. Disponível em:
<<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/imprensa/2015/09/1,70798/aumentam-perdas-da-industria-brasileira-diante-da-concorrenca-chinesa.html>>. Acesso em: 12/11/2016.

FREIRE, F. S. MELO, M. C. P. ALCOFFE, A. O Confronto Fibras Químicas Algodão Na Indústria Têxtil Brasileira. Recife dez 1997. Disponível em:
<<http://www.abqct.com.br/artigost/artigoesp24.pdf>>. Acesso em: 10/08/2016.

FUJITA, R. M. L.; JORENE, M.J. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural Revista ModaPalavra e-Periódico vol.8, n.15, jan./jul.2015 Disponível em:
<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/5893/4139>>. Acesso em: 02/11/2016.

GARCIA, R. O Consumo de Energia e a Competitividade da indústria Têxtil. Nov 2015. Disponível em:
<<http://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/035005.pdf>> Custo da energia no Brasil é superior 200% ao da China. Mar 2015. Disponível em: <<http://economiasc.com.br/custo-da-energia-no-brasil-e-superior-200-ao-da-china/>>. Acesso em: 08/11/2016.

GORINI, A. P. F. O Segmento do Índigo. BNDES – Biblioteca Digital. 1999. Disponível em:
<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/3161/1/BS%2010%20O%20segmento%20de%20indigo_P.pdf>. Acesso em: 01/11/2016.

HIRATUKA, C.; VIANA, C. Relatório de Acompanhamento Setorial Têxtil e Confecção. Volume 1, Jun 2008. Disponível em:
<<http://www.abdi.com.br/Estudo/textil%20e%20confeccao%20junho%2008.pdf>>. Acesso em: 20/10/2016.

IEMI, São Paulo Têxtil 2014 Relatório Setorial da Indústria Têxtil e Confecção no Estado de São Paulo. Dez. 2014. Disponível em:
<http://www.abit.org.br/conteudo/links/apresentacoes/app_estudo-setorial.pdf>. Acesso em 20/09/2016.

KON, A. COAN, D. C. Transformações da Indústria Têxtil Brasileira: A Transição para a Modernização. 2009.

LEMO, M. B.; GONÇALVES, E.; DOMINGUES, E. P.; AMARAL, P. V.; RUIZ, R. M. Estudos Setoriais de Inovação, Relatório Setorial: Indústria Textil e de Vestuário. Disponível em:
<<http://www.abdi.com.br/Estudo/Industria%20Têxtil%20e%20de%20Vestuário.pdf>>. Acesso em: 03/11/2016.

MACIEL, M. S. POLÍTICA DE INCENTIVOS FISCAIS: QUEM RECEBE ISENÇÃO POR SETORES E REGIÕES DO PAÍS. Mar. 2010. Disponível em:
<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/areas-da-conle/tema20/2009_9801.pdf>. Acesso em: 14/11/2016.

MAHLMEISTER, A. L. Faturamento da Indústria Têxtil Recua em 2014. GBL Jeans. Jan. 2015. Disponível em:
<http://gbljeans.com.br/noticias_view.php?cod_noticia=5829>. Acesso em: 18/11/2016.

MARIANO, M. IEMI divulga estudo sobre produção brasileira de Jeans. Out. 2013. Disponível em:
<http://www.textilia.net/materias/ler/textil/conjuntura/iemi_divulga_estudo_sobre_pro

ducao_brasileira_de_jeans>. Acesso em: 13/11/2016.

MEHLER, J. R. Desafios da Indústria Têxtil e as Demandas de Sustentabilidade.

Revista Diálogos Interdisciplinares 2013, vol. 2, n°.2. Disponível em:

<<https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/19>>. Acesso em: 20/10/2016.

MENDES, S. M. F. O Fim do Acordo de Têxteis e Vestuário: Impactos sobre o setor têxtil – vestuário brasileiro. Araraquara, Ago 2007. Disponível em:

<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bar/33004030080P0/2007/mendes_smf_me_arafcl.pdf>. Acesso em: 04/11/2016.

MERÇON, M. Imigrantes Bolivianos no Trabalho Escravo Contemporâneo: Análise do Caso Zara a partir das RPGs. Mar. – Jul. 2015. Disponível em:

<http://www.undb.edu.br/publicacoes/arquivos/revceds_n_2_imigrantes_bolivianos_e_trabalho_escravo_contemporaneo_caso_zara_marineis_mercon.pdf> Acesso: 06/11/2016.

MOSCA, D. SANTOS, L. PIMENTEL, F. Agenda de Prioridades Têxtil e Confecção 2015 a 2018. Disponível em:

<http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/agenda_site.pdf>. Acesso em: 05/11/2016.

NAPOLI, S. Diferenciação do Produto: estratégia da indústria têxtil para enfrentar a concorrência estrangeira. Jun. 2007. Disponível em: <

http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-23942007000300002&lng=pt> Acesso em 11/11/2016.

NEVES, M. Indústria têxtil considera desoneração vital para o setor. jun 2007.

Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/105068.html>> Acesso em: 08/11/2016.

OJEDA, I. Fiscalização Flagra Exploração de Trabalho Escravo na Confecção de Roupas da Renner. Nov. 2014. Disponível em:

<<http://reporterbrasil.org.br/2014/11/fiscalizacao-flagra-exploracao-de-trabalho-escravo-na-confeccao-de-roupas-da-renner/>>. Acesso em 17/11/2016.

OLIVEIRA, Maria Helena. Principais Matérias-Primas Utilizadas na Indústria Têxtil. 1996. Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/mprev.pdf>. Acesso em: 18/09/2016.

ONGARATTO, N. IEMI lança Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. Out, 2015. <<http://www.investimentosenoticias.com.br/noticias/negocios/iemi-lanca-relatorio-setorial-da-industria-textil-brasileira>>. Acesso: 18/11/2016.

PAIVA, R. S. A. Modelo para Observação das Etapas Produtivas em Empresas de Confecção. Juiz de Fora – SP, 2010. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/posmoda/files/2010/09/Modelo-para-observacao-das-etapas-produtivas-em-empresas-de-.pdf>>. Acesso em: 03/11/2016.

PIANCÓ, R. Tipos de Tecidos: Plano x Tecidos Malhas. Audaces: a Tecnologia da Moda. Jan 2016. Disponível em: <<http://www.audaces.com/br/producao/falando-de-producao/2016/01/22/tipos-de-tecido-plano-x-tecido-malha>>. Acesso em: 10/11/2016.

PRADO, M. V.; BEZADO, A.P. Relatório Setorial 2015 Santa Catarina Têxtil. Jun 2015. Disponível em: <<http://www.sintex.org.br/noticia/2015/06/23/sintex-apresenta-dados-do-setor-textil-e-perspectivas-para-2015>>. Acesso em: 02/11/2016.

PROCHNICK, V. A cadeia têxtil/confecções perante os desafios da Alca e do acordo comercial com a União Européia. Jun. 2003. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/cadeiasprodutivas/pdfs/a_cadeia_textil_confeccoes_frente_aos_desafios_da_alca.pdf>. Acesso em: 12/11/2016.

RANGEL, A. S.; SILVA, M. M.; COSTA, B. K. Competitividade da indústria Têxtil Brasileira. Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 151-174, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rai/article/view/79163>>. Acesso em: 05/11/2016.

RAUEN, C.V.; HIRATUKA, C. Relatório de Acompanhamento Setorial (Número 4): Têxtil e Confecção. Nov 2009. Disponível em: <https://www3.eco.unicamp.br/neit/images/stories/arquivos/RelatorioABDI/Txtil_Confeco_vol_IV.pdf>. Acesso em: 03/11/2016.

RECH, S. R. Estrutura da Cadeia Produtiva da Moda. Moda Palavra e-periódico. Ano 1, n.1, jan-jul 2008, pp. 7-20. Disponível em: <<http://200.19.105.203/index.php/modapalavra/article/viewFile/7565/5068>>. Acesso em 04/09/2016.

ROCHA, R. E. V. VIANA, F. L. E. NUNES, C. C. NUNES, F. R. M. A Indústria De Confecções Na Região Nordeste: Gargalos, Potencialidades E Desafios. Out 2008. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STP_069_492_10700.pdf>. Acesso em: 05/11/2016.

SANTOS, L. Indústria Têxtil e de Confecção Brasileira. Brasília: cenários, desafios, perspectivas e demanda. Jun 2013. Disponível em: <http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf>. Acesso em: 10/10/2016.

SENRA, R. Fiscalização Flagra Trabalho Escravo e Infantil em Marca de Roupas de Luxo em SP. jun 2016 <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/06/fiscalizacao-flagra-trabalho-escravo-e-infantil-em-marca-de-roupas-de-luxo-em-sp.html>>. Acesso em: 05/11/2016.

SIENA, A. P. P.; NOGUEIRA, R. F.; MORAIS, M. S.; NETO, O. F. M. Panorama do Mercado Têxtil Brasileiro Frente à Concorrência Chinesa – Caso Coteminas. 2009 Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/forumadm/article/view/627>> Acesso em: 05/11/2016.

SILVA, A. V. Crise pôs fim a 6.322 vagas das indústrias têxtil e calçadista, mostram dados do Caged. Revista Cruzeiro do Sul. Nov. 2013 <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/505349/crise-pos-fim-a-6322-vagas-das>>

industrias-textil-e-calcadista-mostram-dados-do-caged>. Acesso em: 10/08/2016.

SILVA, J.G. A Moda Brasileira Ganha o Mundo. 2009. disponível em:
<<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/Industria10-ModaBrasileira.pdf>>.
Acesso em: 17/11/2016.

SOUCHAUD, S. A Imigração Boliviana em São Paulo. Disponível em:
<http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/48/60/59/PDF/2010Souchaud_NIEM_ImigracaoBolivianaSaoPaulo_2009VersaoFinal.pdf> Acesso em: 16/11/2016

TAVARES, C. Mudanças Estruturais nas Cadeias de Valor na Indústria do Vestuário: um estudo de caso. Araraquara – SP, 2015. Disponível em:
<<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124360/000830059.pdf?sequencia=1>>. Acesso em: 16/09/2016.

TONIOLLO, M. ZANCAN, N. P. WÜST, C. Indústria Têxtil: Sustentabilidade, Impactos E Minimização. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Sertão (IFRS). Nov. 2015. Disponível em:
<<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2015/V-029.pdf>>. Acesso em: 08/11/2016.

VIVEIROS. R. Setor Têxtil tem queda de 17,1% na produção física de vestuário no primeiro bimestre. Maxpress. Disponível em:
<http://www.maxpressnet.com.br/Conteudo/1,747097,Setor_Textil_tem_queda_de_17_1_na_producao_fisica_de_vestuario_no_primeiro_bimestre,747097,5.htm>.
Acesso em: 03/11/2016.

VIANA, F. L. E.; ROCHA, E. V. R.; NUNES, F. R. M. A Indústria Têxtil na Região do Nordeste: Gargalos, Potencialidades e Desafios. Ceará, Vol. VIII/ Num. III/ 2008. Disponível em: <<https://www.producaoonline.org.br/rpo/article/viewFile/132/160>>
Acesso em: 14/11/2016.

ANEXO A – Importações

Importações Brasileiras de Produtos Têxteis e Confeccionados por País <i>Sem fibra de algodão</i>								
País	JAN - OUT/2014		JAN - OUT/2015		JAN - OUT/2016		Variação (%) JAN - OUT/2016 / JAN - OUT/2015	
	US\$ FOB	Kg Líquido	US\$ FOB	Kg Líquido	US\$ FOB	Kg Líquido	US\$ FOB	Kg Líquido
Total Geral	6.038.683.951	1.145.609.596	5.203.948.841	992.983.501	3.525.281.807	928.575.562	-32,26	-6,49
China	3.238.885.105	541.355.925	2.892.963.060	487.066.931	1.796.647.430	449.888.524	-37,90	-7,63
Índia	462.189.273	156.610.630	334.933.539	117.909.302	254.168.049	140.374.547	-24,11	19,05
Indonésia	312.738.668	109.039.504	271.690.571	104.694.950	201.266.916	90.824.974	-25,92	-13,25
Estados Unidos	174.066.992	21.566.117	141.635.861	16.387.739	118.455.648	13.703.313	-16,37	-16,38
Vietnã	144.459.855	28.751.234	147.758.831	26.920.184	104.668.230	24.425.898	-29,16	-9,27
Bangladesh	163.549.406	15.103.403	180.317.937	19.592.388	104.206.643	13.338.014	-42,21	-31,92
Taiwan (Formosa)	169.625.078	47.145.689	122.926.396	35.456.229	81.065.138	27.760.848	-34,05	-21,70
Paraguai	91.696.715	15.406.542	86.348.022	15.629.070	68.466.022	16.027.199	-20,71	2,55
Turquia	90.302.793	21.109.209	61.087.421	13.681.137	68.242.762	15.802.067	11,71	15,50
Coreia do Sul	112.517.886	32.082.398	91.296.690	27.280.868	64.559.434	22.075.859	-29,29	-19,08
Tailândia	73.552.964	17.256.233	66.681.268	19.045.257	57.643.200	22.643.464	-13,55	18,89
Argentina	139.465.032	31.999.117	91.255.856	19.690.705	56.278.641	16.301.082	-38,33	-17,21
Peru	104.673.980	7.992.893	83.510.044	8.007.204	47.427.435	3.011.513	-43,21	-62,39
Alemanha	67.081.828	12.276.541	42.798.983	6.364.117	43.873.213	7.478.411	2,51	17,51
Itália	63.952.822	3.598.790	48.187.983	3.232.748	41.949.365	2.694.352	-12,95	-16,65
Espanha	46.276.115	3.408.981	44.558.459	3.028.097	30.795.883	2.147.520	-30,89	-29,08
Colômbia	47.978.543	9.733.277	34.290.555	8.204.227	27.327.779	8.506.344	-20,31	3,68
Israel	24.484.779	3.552.036	23.462.789	4.415.916	23.655.181	6.106.990	0,82	38,29
Hong Kong	50.595.280	6.484.088	42.543.408	5.471.832	22.063.546	4.906.187	-48,14	-10,34
Portugal	29.461.695	3.788.014	23.933.784	3.224.811	21.161.916	3.196.889	-11,58	-0,87
México	30.227.777	3.091.176	24.342.801	2.043.939	19.542.881	2.345.317	-19,72	14,74
Paquistão	47.299.611	5.516.870	35.432.197	3.440.217	19.130.194	1.563.806	-46,01	-54,54
Sri Lanka	19.612.167	1.634.944	19.435.534	2.123.850	18.749.260	1.123.604	-3,53	-47,10
Japão	21.655.092	1.683.956	18.557.746	1.256.088	18.062.539	1.404.765	-2,67	11,84
Marrocos	15.177.007	251.597	13.701.510	283.323	17.775.208	399.699	29,73	41,08
Países Baixos (Holanda)	25.885.930	1.693.606	22.718.629	1.773.315	17.495.833	1.702.805	-22,99	-3,98
França	28.892.591	4.654.722	21.756.094	3.682.393	16.781.105	2.864.323	-22,87	-22,22
Camboja	18.361.751	697.913	21.262.196	821.355	14.872.531	503.687	-30,05	-38,68
Reino Unido	16.028.647	1.508.267	13.479.273	1.118.569	13.302.804	892.734	-1,31	-20,19
Austria	10.520.167	3.342.568	12.360.813	4.495.443	12.842.853	4.559.709	3,90	1,43
Malásia	28.073.321	8.377.219	22.426.772	7.676.412	11.375.890	4.406.359	-49,28	-42,60
Uruguai	24.359.297	2.342.535	13.333.388	1.153.137	9.779.866	1.088.161	-26,65	-5,63
Bélgica	13.826.461	2.631.856	8.552.478	2.115.669	8.213.112	2.066.589	-3,97	-2,32
Egito	13.458.141	1.797.795	15.765.699	2.516.225	8.122.012	1.239.329	-48,48	-50,75
Tunísia	8.193.375	138.163	8.920.418	186.562	7.407.797	158.845	-16,96	-14,86
Filipinas	10.563.600	424.345	10.158.509	311.762	6.932.558	228.464	-31,76	-26,72
Tcheca, República	4.784.555	637.240	6.060.868	1.228.678	6.216.908	1.196.201	2,57	-2,64
Equador	7.560.986	1.324.638	4.626.641	905.041	5.635.011	1.244.808	21,79	37,54
Dinamarca	5.707.932	1.185.006	4.995.647	844.295	5.475.003	303.364	9,60	-64,07
Chile	3.568.673	367.873	4.267.306	503.789	5.426.831	595.226	27,17	18,15
Canadá	5.276.214	356.243	5.595.264	436.281	4.645.845	366.358	-16,97	-16,03
Polônia	2.770.295	59.530	3.587.475	146.956	4.410.562	241.335	22,94	64,22
Suíça	6.607.021	411.947	4.633.842	346.411	3.716.640	258.826	-19,79	-25,28
Romênia	5.904.886	126.828	4.688.622	70.566	3.608.007	89.432	-23,05	26,74
Honduras	4.553.253	3.998.320	5.650.560	3.876.702	2.788.640	3.017.334	-50,65	-22,17

ANEXO B – Exportações

Exportações Brasileiras de Produtos Têxteis e Confeccionados por País <i>Sem fibra de algodão</i>								
País	JAN - OUT/2014		JAN - OUT/2015		JAN - OUT/2016		Variação (%)	
	US\$ FOB	Kg Líquido	US\$ FOB	Kg Líquido	US\$ FOB	Kg Líquido	JAN - OUT/2016 / JAN - OUT/2015 US\$ FOB	JAN - OUT/2016 / JAN - OUT/2015 Kg Líquido
Total Geral	980.688.282	179.049.359	898.993.318	169.333.427	823.290.907	163.268.363	-8,42	-3,58
Argentina	235.125.043	38.408.022	211.547.017	35.177.576	195.757.060	33.584.074	-7,46	-4,53
Estados Unidos	108.882.280	25.450.803	101.176.351	26.896.856	88.316.042	22.019.640	-12,71	-18,13
Paraguai	88.447.885	9.625.138	73.795.397	9.069.842	72.300.852	9.312.785	-2,03	2,68
Uruguai	63.732.988	10.508.328	59.879.431	9.950.576	54.681.011	8.680.884	-8,68	-12,76
México	41.922.678	7.192.897	50.656.146	8.837.752	41.413.323	6.846.660	-18,25	-22,53
Peru	33.871.501	4.942.609	31.902.881	4.631.359	37.249.754	7.883.267	16,76	70,21
Colômbia	39.775.049	6.541.705	33.694.791	5.501.522	33.775.435	6.771.864	0,24	23,09
Chile	41.812.377	5.343.054	33.317.574	4.441.919	31.935.969	4.627.187	-4,15	4,17
Bolívia	33.541.120	3.635.926	30.008.061	3.507.637	24.646.359	3.340.712	-17,87	-4,76
China	36.601.367	24.911.665	30.499.162	16.728.900	22.007.477	14.033.939	-27,84	-16,11
Países Baixos (Holanda)	7.364.167	1.454.673	4.688.856	687.815	17.434.541	2.889.562	271,83	320,11
Venezuela	35.766.936	7.019.741	30.467.236	6.988.968	15.679.134	3.182.376	-48,54	-54,47
Ecuador	14.625.854	1.673.186	15.749.386	2.042.881	13.626.021	2.307.699	-13,48	12,96
Costa Rica	12.121.283	3.423.769	13.777.256	4.276.563	13.022.388	4.330.114	-5,48	1,25
Portugal	12.097.417	4.363.987	9.800.064	3.983.316	12.084.520	5.519.310	23,31	38,56
Vietnã	2.914.615	48.837	7.656.702	233.880	11.837.009	418.576	54,60	78,97
Bélgica	1.809.608	141.686	7.652.766	1.082.930	9.520.541	1.589.127	24,41	46,74
Japão	12.301.496	217.291	8.024.033	192.889	8.021.225	188.169	-0,03	-2,45
França	19.094.579	523.034	11.480.859	205.877	7.976.927	326.649	-30,52	58,66
República Dominicana	5.471.758	633.684	6.751.257	836.137	6.712.846	872.298	-0,57	4,32
Itália	5.661.281	471.758	4.974.806	181.648	6.465.428	602.994	29,96	231,96
Romênia	5.136.578	899.298	4.841.094	1.004.243	5.717.122	1.142.237	18,10	13,74
Canadá	5.993.711	1.116.754	6.961.323	1.483.096	5.612.700	1.057.621	-19,37	-28,69
Espanha	3.663.682	768.633	3.292.568	921.425	5.542.183	1.617.968	68,32	75,59
Sri Lanka	125.218	20.407	3.968.749	904.177	5.534.075	1.354.322	39,44	49,79
Alemanha	10.648.572	1.340.606	8.907.283	974.995	5.485.970	596.903	-38,41	-38,78
Honduras	2.091.984	292.171	4.587.214	594.063	3.786.904	600.034	-17,45	1,01
Cingapura	3.968.306	77.165	1.872.076	41.264	3.473.420	297.373	85,54	620,66
Africa do Sul	5.904.963	1.421.127	5.045.391	1.265.080	3.125.626	860.924	-38,05	-31,95
Filipinas	813.703	549.040	412.991	263.902	3.103.731	2.324.539	651,53	780,83
Austrália	5.306.731	123.361	3.153.059	92.954	2.974.806	98.824	-5,65	6,31
Noruega	790.084	39.162	31.925	3.005	2.930.668	348.360	9.079,85	11.492,68
Bangladesh	9.439.748	1.591.624	823.302	331.267	2.925.853	1.120.002	255,38	238,10
Panamá	3.277.171	300.765	3.250.597	389.122	2.741.411	119.487	-15,66	-69,29
Angola	9.185.470	397.805	4.071.030	230.870	2.719.389	224.713	-33,20	-2,67
Egito	2.505.776	1.151.069	3.036.511	1.804.814	2.656.884	1.837.287	-12,50	1,80
Cuba	3.152.722	599.259	3.596.377	672.953	2.462.262	389.118	-31,53	-42,18
Reino Unido	1.647.220	137.077	3.055.941	300.701	2.460.685	342.170	-19,48	13,79
Índia	2.375.182	873.818	2.061.594	676.831	2.401.296	912.549	16,48	34,83
Argélia	2.259.969	1.605.036	3.477.513	2.186.198	2.332.065	1.657.544	-32,94	-24,18
Rússia	2.270.900	798.089	2.462.801	839.166	1.955.672	749.481	-20,59	-10,69
Emirados Arabes Unidos	1.049.853	70.408	1.720.392	115.969	1.865.064	187.383	8,41	61,58
Turquia	4.316.867	712.214	2.016.873	383.165	1.812.789	356.788	-10,12	-6,88
Indonésia	1.783.359	1.287.083	2.777.877	1.624.752	1.734.042	1.158.854	-37,58	-28,68
El Salvador	2.399.982	773.487	2.389.094	773.142	1.660.897	452.738	-30,48	-41,44